

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA
BIANCA D'AVILA AXTHELM

A HETERONORMATIVIDADE E SEUS IMPACTOS
Uma análise das vivências de mulheres na construção
de suas identidades sexuais

SÃO PAULO
2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA
BIANCA D'AVILA AXTHELM

A HETERONORMATIVIDADE E SEUS IMPACTOS
Uma análise das vivências de mulheres na construção
de suas identidades sexuais

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Plínio de Almeida Maciel Jr.

SÃO PAULO
2018

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, a minha família, em especial a minha irmã Isabel, que me apoiou durante todo o processo de confecção deste trabalho e em toda a minha história pessoal.

Em segundo lugar, minhas amigas que sempre estiveram do meu lado, me incentivando e me dando força.

Ao meu orientador, Plínio, por ter me auxiliado em minhas dúvidas e questionamentos, fornecendo esclarecimentos e ideias durante esta trajetória.

E um agradecimento em especial para as duas mulheres que concordaram em compartilhar suas histórias de vida comigo para que este trabalho tomasse forma. Continuamos lutando, juntas, todos os dias por uma sociedade mais igualitária e onde haja mais respeito.

A HETERONORMATIVIDADE E SEUS IMPACTOS: uma análise das vivências de mulheres na construção de suas identidades sexuais

7.00.00.00-0 – Ciências Humanas

7.07.05.00-3 – Psicologia Social

Autora: Bianca d'Avila Axthelm / e-mail: bianca_axthelm@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Plínio de Almeida Maciel Jr. / Departamento de Psicologia do Desenvolvimento / Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde / e-mail: p_macieljr@pucsp.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar os impactos da heteronormatividade na constituição da identidade sexual de mulheres lésbicas e bissexuais. Partindo-se, primeiramente, da compreensão do conceito de identidade no âmbito da Psicologia Social, é feita uma reflexão acerca do gênero e da sexualidade, levando ao entendimento de que estamos inseridos em uma sociedade androcêntrica, sexista e heterocêntrica, que pavimenta o surgimento da heteronormatividade e da heterossexualidade compulsória. A fim de alcançar o objetivo proposto, foi utilizado o método de pesquisa autobiográfica, a partir da condução de entrevistas abertas realizadas com uma mulher de 22 anos, autodenominada lésbica e outra mulher de 24 anos, autodenominada bissexual, ambas possuindo nível superior incompleto por estarem ainda cursando a graduação. As entrevistas tiveram como foco a história de vida das participantes no que diz respeito à vivência da construção da identidade sexual e tiveram início a partir de uma pergunta motivadora. Estas foram gravadas e posteriormente transcritas para auxiliar suas análises na vertente da Psicologia Sócio-Histórica por meio da proposta metodológica dos núcleos de significação. As análises indicaram que as mulheres entrevistadas acentuaram explícita ou implicitamente em seus discursos as marcas da heteronormatividade e, de certo modo, fizeram um movimento próprio de encontrarem algumas relações do que trouxeram das suas histórias de vida com este fenômeno. Para além disto, verifica-se que ambas as entrevistadas possuem conhecimento de que a heteronormatividade tem relações com outras questões da nossa sociedade, como o machismo, e de que o espaço social que as rodeia fornece influências para a constituição de suas identidades sexuais.

Palavras-chave: Identidade; Sexualidade; Heteronormatividade; Orientação Sexual; Mulheres.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. IDENTIDADE.....	9
1.1 A utilização de personagens e o Sintagma identidade-metamorfose- emancipação.....	11
1.2 A identidade compreendida como estigma.....	13
2. A SOCIEDADE REGIDA POR NORMAS	15
2.1 Sexo, Gênero e Sexualidade.....	15
2.2 A construção e reprodução de papéis de gênero	18
2.3 Delineamentos da sociedade	21
MÉTODO	25
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	28
SOFIA.....	28
RAFAELA	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	51
APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	56
APÊNDICE B: INDICADORES E NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO – SOFIA .	57
APÊNDICE C: INDICADORES E NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO – RAFAELA	66

INTRODUÇÃO

Tendo desenvolvido um interesse ao longo do curso de Psicologia nos estudos de gênero e sexualidade, busquei desenvolver um trabalho que pudesse abarcar de certa maneira estes temas. Em minha revisão para o projeto do TCC procurei me aprofundar na temática da orientação sexual de mulheres, o que me permitiu realizar um trabalho que contemplasse as vivências e histórias de mulheres lésbicas e bissexuais que enfrentam a heteronormatividade em suas vidas.

Estudar a identidade sexual destas mulheres implica em atentar para o contexto no qual estas identidades se constituem. Deste modo, é necessário ter um foco e uma compreensão da sociedade na qual estas mulheres estão inseridas e da qual fazem parte, tomando os aspectos sociais e históricos como fatores a serem considerados.

Ao me voltar para o que já havia sido produzido anteriormente acerca do assunto, me deparei com diversos estudos que permeiam o tema da sexualidade de mulheres que se relacionam com mulheres e a relação que é estabelecida entre estas identidades e o mundo em que estamos inseridos. Estes trabalhos se debruçaram sobre temas que permeiam a homofobia, os relacionamentos e conjugalidades entre mulheres e, principalmente, a subjetivação destas mulheres acerca de suas orientações sexuais. Para além disto, se estendiam para diferentes vertentes de leitura da Psicologia acerca do tema da sexualidade.

Utilizando-se do entendimento sócio-histórico da concepção do ser humano, Toledo (2008) realizou uma pesquisa qualitativa hermenêutica com cinco mulheres autodenominadas lésbicas, sendo três com idades entre 18 e 25 anos e duas entre 40 e 50 anos de idade, fazendo uso de entrevistas semiestruturadas. O objetivo estabelecido foi o de compreender como estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades influenciam o discurso dessas mulheres no que diz respeito à construção de suas subjetivações. A autora verificou que as mulheres entrevistadas são atravessadas pelos estereótipos e estigmas acerca de suas lesbianidades e que existem variações na forma como essas influências se deram, por conta da questão geracional e o modo como cada uma realizou o luto da heterossexualidade ao longo de seus respectivos processos.

Em uma perspectiva psicanalítica, Esteca (2016) buscou pesquisar os impactos da heteronormatividade sobre a subjetividade de mulheres lésbicas, bem como estas influências na conjugalidade lésbica, tanto no estabelecimento quanto na ruptura deste relacionamento. Por meio de entrevistas semi-dirigidas com cinco mulheres com idades entre 31 e 58 anos e seguindo uma metodologia qualitativa, a autora foi capaz de averiguar que todas as entrevistadas sofreram preconceitos e discriminações ao longo da vida, principalmente no núcleo familiar. Outro dado obtido mostra que a transmissão da herança familiar acerca dos valores e julgamentos prévios da homossexualidade, bem como da idealização da heterossexualidade, repercutem no processo de autoafirmação, nos modos de enfrentamento do preconceito e na conjugalidade dessas mulheres.

Na Espanha, Sala e Benítez (2016) conduziram uma pesquisa com oito mulheres lésbicas, com idades entre 18 e 35 anos, a partir de narrativas autobiográficas. O objetivo do estudo foi analisar o processo pessoal de (re)construção da identidade lésbica e sua relação com o contexto sociocultural. Os autores concluíram que era fundamental para estas mulheres terem suporte e referências em dois pontos distintos: o acesso à discursos não estigmatizados acerca da homossexualidade e lesbianismo e o suporte de pessoas homossexuais e heterossexuais próximas. Isto fez com que tais mulheres fossem capazes de desconstruírem visões estigmatizadas sobre o ser lésbica e terem o apoio de alguém próximo para que pudessem se abrir sobre o que estavam passando, respectivamente.

Por fim, Monteiro (2009) conduziu uma pesquisa com nove mulheres cujo objetivo foi averiguar os modos de subjetivação de mulheres com práticas homoeróticas que apresentaram denúncias relacionadas à homofobia. As informações coletadas por meio de entrevistas na abordagem biográfica possibilitaram à autora compreender que as mulheres entrevistadas percebem a discriminação e o preconceito que sofrem como resultado de uma extrapolação dos limites das convenções de gênero.

É possível observar que as pesquisas aqui citadas, em sua grande maioria, se utilizaram do recurso da entrevista para a coleta de dados e informações a serem analisados. Também é possível averiguar que tais pesquisas somente lidaram com

mulheres que se autodenominavam lésbicas, não havendo um enfoque em mulheres bissexuais que, assim como as lésbicas, também possuem desejo e estabelecem relações afetivo-sexuais com outras mulheres. A partir desta constatação, percebe-se uma necessidade de se realizar uma pesquisa que abranja não somente a população lésbica, mas também a de mulheres bissexuais. Tendo em vista que mulheres bissexuais divergem da orientação sexual heterossexual, elas estão, assim como as lésbicas, suscetíveis a sofrerem impactos da heteronormatividade em suas vidas.

Tendo isto posto, o presente trabalho visa compreender os impactos da heteronormatividade na formação da identidade sexual de mulheres lésbicas e bissexuais. Busca-se, desse modo, o entendimento sobre as implicações de se estar inserido em uma sociedade heteronormativa tendo uma orientação sexual divergente da heterossexual.

Como forma de construir uma base conceitual e dar possibilidade para um maior e melhor entendimento do que desenvolvi ao longo deste trabalho, apresento, primeiramente, a visão da Psicologia Social acerca da identidade. Tal apresentação se faz necessária uma vez que o presente trabalho lida com o tema da identidade sexual de mulheres e, então, o reconhecimento de que a identidade faz parte da realidade subjetiva dos indivíduos tem sua importância.

Após trilhar esclarecimentos acerca desta dimensão, é apresentada, primeiramente, uma discussão sobre sexo, gênero e sexualidade com suas devidas diferenças, incluindo nessa discussão considerações sobre os papéis de gênero.

Em seguida é apresentado um breve panorama a respeito da sociedade na qual estamos inseridos atualmente, com as nuances e características que esta possui em relação ao tema da sexualidade, contemplando a discussão da heteronormatividade e da heterossexualidade compulsória refletidas na identidade sexual de mulheres.

Chega-se assim ao método utilizado neste trabalho. Objetivando dar voz a estas mulheres e estudar o fenômeno como ele se apresenta, foi realizada uma pesquisa empírica que envolveu o recurso da entrevista, instrumento apropriado para a obtenção de informações acerca de vivências e experiências. Este recurso também foi utilizado em larga escala nas pesquisas que levantei ao longo da elaboração deste

trabalho, me fazendo entender a profundidade que tal recurso possibilita. As entrevistas realizadas foram transcritas na íntegra e analisadas por meio de núcleos de significação, recurso metodológico de análise de entrevistas utilizado em pesquisas na área da Psicologia Sócio-Histórica.

1. IDENTIDADE

Uma discussão sobre gênero e sexualidade deve vir acompanhada de uma reflexão sobre a identidade. Para tal, é válido recorrer ao entendimento da Psicologia Social acerca da constituição desta dimensão. Partindo-se da concepção de que a identidade é formada por processos sociais, sendo assim um fenômeno social (BERGER e LUCKMANN, 1976; HABERMAS, 1976; JACQUES, 1998; CUCHE, 1999; CIAMPA, 2005), propõe-se o estabelecimento da existência de uma relação dialética entre indivíduo e sociedade que se apresenta como a base para a formação desse fenômeno.

A identidade é evidentemente um elemento chave da realidade subjetiva, e tal como toda realidade subjetiva, acha-se em relação dialética com a sociedade. A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social. (Berger e Luckmann, 1976, p.228)

Esta relação dialética explicita a íntima relação que existe entre identidade e sociedade, uma vez que o conjunto de identidades constitui a sociedade e, ao mesmo tempo, esta constitui aquelas (CIAMPA, 2005). Tem-se assim um movimento de mútua constituição, na qual ambas as partes - identidade e sociedade - necessitam da outra para se formarem e se estabelecerem. Adiciona-se a isto que esta sociedade proporciona condições sociais, materiais e históricas que também possuem um papel de importância na identidade dos indivíduos.

Enfatizando o movimento da identidade que necessita da sociedade para ser formada, o filósofo alemão Jürgen Habermas (1976) esclarece que é a partir da socialização do sujeito que a identidade vai sendo gerada por meio da apropriação dos universos simbólicos nela contidos, sendo garantida posteriormente pela individualização. Em suas palavras:

A identidade é gerada pela *socialização*, ou seja, vai se processando à medida que o sujeito - apropriando-se dos universos simbólicos - integra-se, antes de mais nada, num certo sistema social, ao passo que, mais tarde, ela é garantida e desenvolvida pela *individualização*, ou seja, precisamente por uma crescente independência com relação aos sistemas sociais. (Habermas, 1976, p.54)

Deste modo, fica clara a compreensão de identidade como fenômeno social, o que nos leva a outra questão a ser esclarecida: o papel do outro nesta relação.

Segundo Jacques (1998), é necessário buscar compreender a identidade como algo que se constitui na relação interpessoal, tendo como entendimento claro que o indivíduo está inserido em um mundo social que acaba por proporcionar o contato com o outro. Assim, o contexto histórico e social é colocado como uma peça essencial para a constituição da identidade de um indivíduo, uma vez que é partir do encontro com o outro, inserido neste contexto, que se dá a sua construção. A visão do outro oferece uma oportunidade de reconhecimento e diferenciação entre os indivíduos, confirmando, portanto, a existência de semelhanças e diferenças entre os integrantes de uma sociedade, garantindo uma pluralidade que não exclui a formação de uma unicidade. A possibilidade da constituição de grupos por igualdades não pressupõe uma homogeneização total,

(...) ao mesmo tempo que o indivíduo se representa semelhante ao outro a partir da sua pertença a grupos e/ou categorias, percebe sua unicidade a partir de sua diferença. Essa diferença é essencial para a tomada de consciência de si e é inerente à própria vida social, pois a diferença só aparece tomando como referência o outro. (Jacques, 1998, p.164).

Tendo exposto quais são as condições para a constituição da identidade, é importante nos voltarmos para outra característica desta dimensão. Um aspecto de grande importância de entendimento acerca da identidade é a de que ela não se constitui como um atributo originário, imutável e estanque. Portanto, se constrói e reconstrói de forma constante em meio às trocas sociais (CUCHE, 1999), sendo assim reconhecida por Ciampa (2005) como uma metamorfose. Falar em identidade como metamorfose significa qualificá-la como algo que tem movimento, que acompanha o movimento da humanidade, não sendo assim permanente, sendo passível de sofrer mudanças e transformações ao longo de uma trajetória de vida. Logo, é necessário compreender que a identidade não é algo dado, mas sim que está se dando, um dar-se continuamente. Considerá-la como imutável acaba por retirar seu caráter de historicidade e a coloca como um fenômeno social não passível de transformações. Ter uma posição de modo a enxergar uma identidade como dada a coloca como fruto de um momento originário, restringindo seu caráter temporal a este único momento.

Partindo-se do entendimento de que condições sociais, históricas e materiais dadas, incluindo-se aqui condições do próprio indivíduo, determinam o desenvolvimento da identidade de alguém, Ciampa (2005) mostra que o ser humano é histórico e social, sendo um horizonte de possibilidades. Ao se pensar neste caráter histórico e social do ser humano, a temporalidade é colocada como uma questão a ser considerada. Contemplando-se todas as dimensões do tempo — passado, presente e futuro — o ser humano e sua identidade ainda são colocados em posição de serem temporais, complementando e reforçando o entendimento da identidade como metamorfose permanente.

1.1 A utilização de personagens e o Sintagma identidade-metamorfose-emancipação

Como forma de aprofundar o seu entendimento sobre a dimensão da identidade, Ciampa (2005) se utiliza do linguajar dramático de personagens, possuindo uma compreensão de que, “(...) as personagens são momentos da identidade, degraus que se sucedem, círculos que se voltam sobre si em um movimento, ao mesmo tempo, de progressão e de regressão” (Ciampa, 2005, p.205). Desse modo, um indivíduo tem contemplado em si diversas personagens que articuladas tanto em semelhanças quanto nas diferenças formam uma identidade. Tais personagens ainda podem coexistir, se alternarem, se sucederem e se conservarem. Novamente nesta compreensão há o sentido imbricado de metamorfose, uma vez que a existência de diversas personagens em um único ator abre a condição para que a identidade seja repostada, reafirmando o seu caráter de transformação constante.

A identidade se expressa a partir de várias personagens, isso implica admitir que é impossível viver sem personagens, na medida em que sempre nos apresentamos como representantes de nós mesmos frente aos Outros. Essa concepção de identidade implica também admitir que quando nos apresentamos aos outros torna-se impossível expressar nossa totalidade (...). (Lima e Ciampa, 2012, p.16)

Embora sejamos uma totalidade em nossas existências, não nos apresentamos como totalidade, uma vez que, ao nos relacionarmos com outro alguém, apenas uma parte desta totalidade está à mostra em forma de representação.

Portanto, frente ao outro, sou um representante de mim mesmo, estabelecendo uma lógica na qual “eu existo como negação de mim-mesmo, ao mesmo tempo que o que estou-sendo sou eu-mesmo” (Ciampa, 2005, p.179). Esta compreensão nos leva a um entendimento mais profundo da necessidade de se considerar tanto o momento histórico quanto a estrutura social na qual estamos inseridos quando a discussão se volta para a identidade. Isto porque tais condições são essenciais tanto para o estabelecimento de personagens e suas contínuas transformações quanto para esta representação de mim mesmo frente ao Outro.

A noção exposta de personagens possibilita a apresentação do que foi postulado como sintagma identidade-metamorfose-emancipação. Para além de uma simples transformação de identidade, esse sintagma carrega consigo um entendimento de que esta metamorfose leva a uma emancipação. Tal compreensão expressa um movimento no qual, a partir de uma alterização, o indivíduo pode se tornar um outro *outro*, mas que ainda é ele mesmo, possibilitando uma formulação de identidade que não esteja mais presa em conteúdos prévia e autoritariamente definidos (LIMA e CIAMPA, 2012).

O conceito de alterização proposto por Ciampa (2005) expressa a ideia de uma mudança significativa no indivíduo, como uma possibilidade de tornar-se outro, fugindo de uma pressuposição identificatória. À medida que um indivíduo realiza a alterização de sua identidade, ele é capaz de eliminar uma identidade pressuposta, se auto determinando através de outras personagens que permitem o alcance de uma emancipação, concretizando uma metamorfose. Em outras palavras,

se considerarmos que vivemos em uma sociedade opressora e exploradora e que a identidade se forma sempre a partir da pressuposição, da reposição e alterização, a ideia de que identidade é metamorfose adquire seu pleno significado, ou seja, a luta pela emancipação. (Lima e Ciampa, 2012, p.21)

A noção trazida de uma pressuposição de identidade se mostra desde antes do nascimento de um indivíduo, “ou seja, sempre há a pressuposição de uma identidade; sempre uma identidade é pressuposta. Podemos até desconhecê-la; mas, pressupomos sua existência” (Ciampa, 2005, p.159). Desta pressuposição de uma identidade surge a expectativa generalizada de que todos devem agir e ser tratados conforme suas predicções, reiterando a ideia de uma identidade dada que se

cristaliza em um momento originário. Contudo, a concepção aqui apresentada mostra que há uma pressuposição inicial seguida primeiramente de uma reposição para posteriormente ocorrer uma alterização, e é nesse movimento de lutas por transformações que o sintagma deve ser compreendido.

1.2 A identidade compreendida como estigma

Outro entendimento acerca da dimensão da identidade que se faz válido para a presente pesquisa é a de que ela deve ser compreendida como uma negociação entre a “auto-identidade”, a qual é definida pelo próprio indivíduo, e a “hetero-identidade”, que é definida pelos outros (SIMON, 1979 apud CUCHE, 1999).

Em consonância com o que este autor apresenta, Goffman (1988) propõe a ideia da existência de uma identidade social virtual e de uma identidade social real. A primeira é formada pela sociedade, que organiza meios de categorizar os indivíduos, fazendo a gestão de atributos considerados comuns e naturais, criando e estabelecendo a todo momento preconceções sobre lugares, pessoas e contextos e, portanto, é aquela que a sociedade afirma e julga ser a identidade do indivíduo. Já a segunda diz respeito às categorias e atributos que o indivíduo realmente possui. À discrepância encontrada entre estas duas identidades Goffman (1988) denominou de estigma, o qual surge quando as afirmações feitas pela sociedade em relação ao que um indivíduo deveria ser não condizem com a realidade vivenciada pelo próprio indivíduo. Esta discrepância pode ser vista de forma positiva ou negativa, a depender da situação em que se apresenta. Contudo, a marca da existência de uma incongruência em relação ao estereótipo que criamos do outro sempre estará presente. Portanto, é necessário reconhecer que o atributo que traz o estigma a alguém não é, em si, positivo ou negativo, mas sim a leitura social que é feita dele.

O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto, ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso. (Goffman, 1988, p.13)

A identidade se constitui a partir do reconhecimento da existência de diferenças entre os indivíduos, o que possibilita a consolidação de um entendimento de eu que abarca semelhanças e diferenças em relação aos outros. Entretanto, o fracasso em se lidar com o diferente abre espaço para a existência do estigma. Como sociedade,

muitas vezes temos uma dificuldade em lidar com o que se coloca como diferente daquilo que é imposto como uma regra social que deve ser seguida. Qualquer discrepância que destoa do que é estabelecido como um padrão possibilita o surgimento de uma estigmatização.

2. A SOCIEDADE REGIDA POR NORMAS

2.1 Sexo, Gênero e Sexualidade

A apresentação feita acerca da constituição da identidade nos mostra que é preciso compreender o indivíduo como um ser que estabelece relações com outros indivíduos e que está inserido em um momento histórico e social. Sendo assim, se faz necessário estabelecer um diálogo que contemple a sociedade na qual este indivíduo está inserido, bem como as regras e normas às quais ela responde e está submetida.

É possível perceber que em nossa sociedade atual ainda há diversos preconceitos e uma falta de entendimento em relação ao tema das questões de gênero e da sexualidade. Tendo em vista que há uma dificuldade recorrente em reconhecer as diferenças entre sexo, gênero e sexualidade, serão apresentadas aqui algumas definições que visam esclarecer tais termos. Para além de um mero esclarecimento, eles devem ser compreendidos em suas especificidades, uma vez que nos ajudam a entender as características de nossa sociedade atual, bem como auxiliam na discussão de outros termos e conceitos.

Também é válido esclarecer que existem diversas teorias de gênero defendidas por diferentes teóricos e autores. Este trabalho não tem o intuito de abranger todas estas teorias e ideias, seguindo assim uma linha de pensamento dentro de certas referências específicas que conversam entre si acerca do tema das questões de gênero e da sexualidade.

Uma primeira diferenciação que precisa ser feita é entre sexo e gênero, termos que muitas vezes são confundidos ou vistos como sinônimos. Sexo se refere à biologia, enquanto gênero estabelece uma relação com a cultura. Em uma ordem da natureza, assim que a criança nasce o sexo lhe é conferido, se apoiando principalmente numa diferenciação externa dos órgãos genitais, ou seja, a partir do corpo que ali se apresenta. Contudo, as formas de ser mulher ou homem não advêm dos genitais, mas sim de uma série de aprendizados culturais que possuem relação com o momento histórico e social e que podem variar conforme este momento se altera (PISCITELLI, 2009).

Para além de uma diferenciação biológica e cultural/social, Scott (1995) traz para a discussão de gênero um caráter mais crítico e político, direcionando o foco para uma leitura que abarca a questão de poder envolvida neste tema. Sua definição de gênero abrange duas proposições: (1) de que o gênero deve ser compreendido como um elemento constitutivo de relações sociais que estão fundadas sobre as diferenças que são percebidas entre os sexos, bem como (2) sendo um primeiro modo de dar significado às relações de poder. Assim, a discussão também abarca a desigualdade vivida pelas mulheres, mostrando que esta não é algo natural, mas sim resultado de um processo de construção social.

Nossa cultura privilegia a diferença sexual (ter pênis ou vagina) como sendo a base da identidade de gênero. As diferenças anatômicas entre os sexos são tomadas como base para dividir o mundo entre homens e mulheres e também para definir quem deve se sentir masculino ou feminina. Ao longo de nossa trajetória, vai sendo construída uma percepção subjetiva de ser masculino ou feminina conforme os atributos, comportamentos e papéis convencionalmente estabelecidos para os homens e para as mulheres ou a partir da “oposição” entre os gêneros. (Da Silva, 2016, p.3)

Há, então, um entendimento de que a identidade de gênero diz respeito a como nos reconhecemos, subjetivamente e como indivíduos, dentro dos padrões de gênero que são traçados e estabelecidos socialmente. Observamos em nossa cultura uma busca incessante no alinhamento destas características, de forma que um indivíduo que nasce com uma vagina seja uma mulher, que deve ser feminina e, para além disto, deve ter como objeto de desejo um indivíduo que nasce com pênis, sendo assim um homem, que deve ser masculino e deve ter desejo por mulheres. Rubin (1975) articula a discussão de gênero com a sexualidade, mostrando que o gênero não é somente uma identificação com um sexo, mas também implica que o desejo sexual seja direcionado para o outro sexo. Deste modo, homens e mulheres seriam metades incompletas que encontrariam sua totalidade quando se unissem um com o outro. Esta ideia é formulada pela antropóloga com um tom de crítica, uma vez que a produção de identidades de gênero que se mostram coerentes (vagina – mulher – desejo por homens e pênis – homem – desejo por mulheres) corresponde com os interesses da heterossexualidade e de uma sexualidade alinhada com a reprodução, o que acaba por gerar uma opressão de mulheres e homens homossexuais.

O movimento de definição de um gênero estabelece que o indivíduo precisa alcançar uma masculinidade ou feminilidade socialmente aceitas, encaixando-se assim nas concepções normativas dos outros. Deste modo, caso não haja uma forma socialmente apropriada da expressão do gênero, o sujeito é forçado, por meio de uma disciplina social, a se encaixar no que é considerado norma. Seguindo esta lógica, chega-se à conclusão de que há um elemento estrutural na conquista de um gênero apropriado, mostrando que este processo não é nem um pouco voluntário e não escapa às demandas sociais (BRICKELL, 2006).

Algumas ideias apresentadas acima já estabeleceram algum tipo de relação com a sexualidade, deste modo, se faz necessária a apresentação de mais um termo, a identidade sexual. Tal conceito não deve ser confundido com a identidade de gênero. O Ministério da Educação (2009) traz uma explicação da identidade sexual referindo-se a duas questões diferenciadas:

(...) por um lado, é o modo como a pessoa se percebe em termos de orientação sexual; por outro lado, é o modo como ela torna pública (ou não) essa percepção de si em determinados ambientes ou situações. A identidade sexual corresponde ao posicionamento (nem sempre permanente) da pessoa como homossexual, heterossexual ou bissexual, e aos contextos em que essa orientação pode ser assumida pela pessoa e/ou reconhecida em seu entorno (p. 112).

O entendimento de identidade sexual que será utilizado nesta pesquisa corresponde ao explicado acima, ou seja, referente ao modo como o indivíduo se percebe em sua orientação sexual, seu desejo. Por sua vez, a orientação sexual, segundo Da Silva (2016) “refere-se ao sexo ou ao gênero que constitui o objeto de desejo de uma pessoa no qual não está implicada consciência nem intenção, assim como também não necessariamente descreve uma condição da pessoa.” (p.4). É importante notar a utilização do termo “orientação” ao invés de “opção”, uma vez que o último denota uma concepção de algo que pode ser adquirido e, assim, ser descartado e trocado, a depender das circunstâncias (SIMÕES e FACCHINI, 2009). Além disso, a utilização do termo “opção” abre espaço para um discurso que propõe o desejo como uma escolha racional e fixa, o que se torna inadequado, uma vez que a dimensão do desejo não se pauta em uma escolha racional e pode ter um caráter flexível (DA SILVA, 2016).

Louro (2000) afirma que as identidades de gênero, bem como as sexuais, são compostas e definidas por relações sociais e, desse modo, deve-se pensar que a história e a cultura são panos de fundo para o estabelecimento de tais identidades. Retirando-se a ideia de uma exclusividade natural e biológica para a explicação do estabelecimento de ambos, gênero e sexualidade, abre-se a possibilidade de analisá-los em uma dimensão político-social, na qual sociedade e cultura exercem suas influências. Tem-se, dessa maneira, que “(...) a categoria de gênero não descarta da análise os elementos da biologia, mas destaca a incorporação na análise dos aspectos que são socialmente construídos” (Galvão e Díaz, 1999, p.189). A categoria biológica passa então a servir como uma base para a construção de significados culturais sobre o corpo e, além disso, é base para explicar a diferença entre homens e mulheres de sociedades e culturas diversas (VIANNA et al., 1996).

Contudo, este entendimento é por vezes deixado de lado em detrimento de uma compreensão rígida e inflexível de que o sexo biológico se estabelece como um elemento definidor e naturalizador da identidade de gênero, bem como da orientação sexual dos indivíduos e que, conseqüentemente, não seria passível de mudanças. Omite-se, assim, que o biológico pode sofrer modificações ao longo da existência, uma vez que é objeto de reelaboração em níveis sociais, psicológicos e culturais (GALVÃO e DÍAZ, 1999). Tem-se, portanto, que tanto gênero quanto sexualidade devem ser compreendidos como categorias de análise social e vistos como uma produção da cultura e da história, sendo socialmente construídos em cada sociedade (VIEIRA, 2005; DA SILVA, 2016).

2.2 A construção e reprodução de papéis de gênero

Isto posto, é importante reconhecer a existência de papéis de gênero, os quais são socialmente construídos, e podem ser entendidos como uma maneira de agir em determinadas situações de acordo com o gênero atribuído e que é ensinada a todos desde o nascimento. Para além disto, os papéis de gênero podem ser vistos como uma forma de construção das diferenças entre homens e mulheres que possui uma marca social, não biológica (JESUS, 2012). Portanto, é preciso ter a compreensão de que as ditas “características femininas” estão completamente relacionadas a estes papéis particulares que as mulheres têm assumido de forma a preencher o que lhes foi ensinado desde o nascimento.

Tais papéis também se colocam de tal forma impostos, uma vez que desde pequenas as meninas já são ensinadas a se portarem de certas maneiras e a somente apresentarem certos comportamentos, o que continua ao longo de toda a vida, com delimitações sociais de espaços para mulheres e conseqüentemente de tarefas que estas devem desempenhar dentro da sociedade na qual se inserem. A partir do que foi discutido pela filósofa feminista norte-americana Judith Butler, Louro (2013) propõe que as normas regulatórias do sexo possuem um caráter performativo e “têm poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam e, sendo assim, elas repetem e reiteram, constantemente, as normas dos gêneros na ótica heterossexual” (p.44). Assim sendo, estabelece-se uma lógica na qual a identidade da mulher é, desde cedo, e mais precisamente desde o berço, moldada e construída com base em certos valores culturais normativos e hegemônicos específicos da sociedade, visando alcançar a heterossexualidade.

Antes de nascer o corpo já está inscrito em um campo discursivo determinado. Ainda quando se é uma “promessa”, um devir, há um conjunto de expectativas estruturadas em uma complexa rede de pressuposições sobre comportamentos, gostos e subjetividades que acabam por antecipar o efeito que se supunha a causa. (Bento, 2006, p.2)

O estabelecimento dos papéis de gênero é feito nos mais diversos ambientes de convívio e através de inúmeros modos. A família pode ser apontada como um contexto primário que fornece as primeiras programações culturais, e é nela que diversos tipos de relações, condicionamentos sociais e culturais, bem como comportamentos, são construídos (VIEIRA, 2005).

Através de propagandas e de filmes, a mídia também contribui para este processo. Sabat (2003) reconhece que filmes infantis fazem parte de um “currículo cultural desenvolvido pela mídia” (p.22), o qual ultrapassa qualquer currículo previamente previsto pela escola, trazendo a este o conhecimento cotidiano que busca o ensinamento de modos de conduta, comportamentos, disposições, hábitos, atitudes e valores, produzindo assim identidades culturais. Os filmes infantis são mecanismos que desenvolvem uma pedagogia e trazem um currículo cultural e, atrelados a eles, existe uma vasta gama de produtos das mais diversas utilidades que também contribuem para a formação do que a autora chama de um “pacote multimídia de consumo cultural” (p.23) que está dentro da lógica capitalista do mundo

globalizado. A compra destes produtos revela, além do óbvio consumo da mercadoria, o “consumo” dos valores que são produzidos ou reproduzidos por estes filmes e personagens.

A escola e a literatura infantil podem ser citadas como outros contribuidores da imposição destes papéis. Segundo Louro (2000), a primeira estabelece uma pedagogia da sexualidade e do gênero, a qual, por um lado, legitima certas identidades e práticas sexuais e, por outro, marginaliza e reprime outras. Toda esta ação é feita de forma velada e sutil, o que garante a sua eficiência e continuação. Já a segunda, de acordo com Xavier Filha (2014), é vista como um artefato cultural importante que possui um potencial educativo produzido para crianças. Os livros infantis acabam por produzir significados e ensinamentos de certas condutas às meninas e aos meninos, o que leva ao estabelecimento de uma forma “normal” e “adequada” de se viver a feminilidade, a masculinidade e a sexualidade.

Esta imposição de determinados valores que acaba por ditar o que é ser mulher e o que é ser homem condiz com o que Simone de Beauvoir (1949) concluiu: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (p.11). É trazida a ideia de que a natureza não é responsável por determinar o ser mulher, mas sim a vivência em sociedade, uma vez que alguém com o sexo biológico feminino é mulher na medida em que se sente como tal. Portanto, há a compreensão de que:

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. (Beauvoir, 1949, p. 11)

A partir do momento em que a criação de meninas se dá pautada em determinados valores e características considerados próprios do feminino, é necessário se reconhecer a existência de um padrão de criação que busca formar mulheres com certos atributos socialmente determinados como próprios a elas. Além disso, é preciso apontar o fato de que todo o conjunto de representações e práticas que regem a noção de sexo e gênero estão assentados na *matriz da heterossexualidade* (GALVÃO e DÍAZ, 1999). Desse modo, é possível perceber que a identidade sexual não possui um surgimento espontâneo a partir do nascimento, uma vez que, sempre pautada na heterossexualidade, acaba por se inscrever

reiteradamente por meio de operações constantes de repetição de códigos socialmente tidos como naturais (BENTO, 2006).

2.3 Delineamentos da sociedade

A imposição de papéis de gênero e de uma determinada identidade sexual hegemônica cria a base para o surgimento de uma sociedade androcêntrica, sexista e heterocêntrica, que acaba por excluir e oprimir aqueles que se afastam das normas estabelecidas e vigentes, e revela uma relação de poder.

Estamos em uma sociedade androcêntrica na medida em que tomamos as experiências masculinas como a norma universal e, deste modo, o homem é considerado a medida de tudo e todos (GARCIA, 2015). Para além de um privilégio dos traços associados à masculinidade, isto se coloca como forma de desvalorizar “tudo que seja codificado como ‘feminino’, paradigmaticamente - mas não somente - mulheres” (Toledo e Filho, 2010, p.730).

O termo “sexismo” nos leva a refletir sobre mais uma forma de relação de poder que circunda a questão de gênero, uma vez que coloca as mulheres, representantes do sexo feminino, como inferiores e subordinadas aos homens, representantes do sexo masculino, uma vez que isto se baseia em uma crença de que os homens são o padrão de “normal” da sociedade (JESUS, 2013).

A combinação destes dois últimos termos, quando colocados na perspectiva da realidade social, nos remete ao fato de a mulher ser vista, cotidianamente, como inferior ao homem. O estabelecimento e a imposição de papéis de gênero somente reforçam esta vivência da mulher, que ainda pode se ver refém de um outro fenômeno, o “heterocentrismo”. Jesus (2013) define este termo como sendo

(...) toda forma de perceber e categorizar o universo das orientações sexuais e das identidades de gênero a partir de uma ótica centrada em uma heterossexualidade estereotipada considerada dominante e normal não apenas como estatística, mas principalmente no sentido moralizante do termo. (p.366)

O entendimento de que existe uma forma de expressão da sexualidade como dominante e normal cria um espaço para o surgimento de uma noção de anormalidade e possível patologização errônea de outras formas de expressões sexuais que divergem da heterossexualidade. Ainda de acordo com Jesus (2013), o

heterocentrismo resulta no “heterossexismo”, com o primeiro sendo a base do processo de aprendizagem cultural que resulta no segundo, que pode ser explicado como sendo um “processo de invisibilização das pessoas homossexuais no cotidiano, que, no momento em que estas se tornam visíveis, transforma-se em violência contra elas (atos homofóbicos)” (Jesus, 2013, p.365).

O heterocentrismo ainda estabelece relação com a “heteronormatividade” que, de acordo com Wittig (1992), é apresentada como um princípio óbvio, como a priori a qualquer ciência, que desenvolve uma interpretação totalizante da história, da realidade social, da cultura, da linguagem e de todos os fenômenos subjetivos. Isto faz com que surja uma tendência a universalizar imediatamente a produção de conceitos heterossexuais na forma de leis gerais que se colocam como verdades para todas as sociedades, todas as épocas e todos os indivíduos, oprimindo qualquer expressão diversa de sexualidade. Tem-se assim, a heteronormatividade como um sistema que organiza a sociedade de forma que a heterossexualidade seja pressuposta como normal e normativa frente às demais formas de vivência das sexualidades (TOLEDO e FILHO, 2010).

A disseminação de um pensamento que categoriza a heterossexualidade como normal e a coloca como modo de experiência único e correto a ser seguido leva à vivência da “heterossexualidade compulsória”. Em seus estudos sobre as sexualidades, a escritora e ativista feminista Adrienne Rich (1993) reconhece que a heterossexualidade compulsória é muito fortificada pela “ideologia do romance heterossexual” (p.31) irradiada para os jovens desde muito cedo através de contos de fada, do cinema, da televisão e da propaganda, o que gera um cenário no qual muitas mulheres se veem aprisionadas psicologicamente. Isso se reflete nas tentativas de ajustar a mente, o espírito e a sexualidade dentro de um roteiro prescrito, que é considerado socialmente aceitável - a relação afetivo-sexual de uma mulher com um homem. O aprisionamento provém de ter que se viver uma vida na qual a mulher não se identifica com a identidade sexual que lhe é imposta como algo “natural” desde seus primeiros anos de vida.

A heterossexualidade compulsória pode ser entendida como uma instituição social que se reflete em diversos modos de intensa pressão que a sociedade exerce, principalmente em cima das mulheres, para assegurar que a heterossexualidade se

torne o destino comum de seu sexo (TOLEDO e FILHO, 2010). Deste modo, percebe-se a presença de um condicionamento forçado, muitas vezes de forma violenta, desde o nascimento para se atingir a heterossexualidade. No caso das mulheres, este condicionamento pode ser visto por meio de um “feixe de forças pelo qual as mulheres têm sido convencidas de que o casamento e a orientação sexual voltada aos homens são vistos como inevitáveis componentes de suas vidas - mesmo se opressivos e não satisfatórios” (Rich, 1993, p.26). Tem-se assim uma premissa de que a mulher possui um papel de agradar o homem sexualmente, não havendo espaço, portanto, para quaisquer relações, partindo de mulheres, que não envolvam a figura de um homem. Logo, retomando-se a concepção de que estamos inseridos em uma sociedade heteronormativa e regida pelo androcentrismo, é possível verificar a presença de mecanismos de controle e autocontrole em cima dos corpos das mulheres, inclusive nas relações que não envolvem homens (TOLEDO e FILHO, 2010).

Resgatando-se a discussão inicial acerca da constituição da identidade nas ideias de Goffman (1988) - identidade social virtual e identidade social real - é possível se traçar uma relação entre a heteronormatividade e a compreensão de identidade do autor. Uma sociedade heteronormativa se encontra em um funcionamento no qual a heterossexualidade é vista como padrão “normal” e normativo de se exercer a sexualidade. Desse modo, tem-se uma sociedade que estipula uma identidade social virtual acerca das pessoas voltada a encaixar todas nesta norma e a enxergá-las como heterossexuais como algo natural e dado. De outro lado, há o indivíduo com a sua própria experiência e vivência (identidade social real), que pode não condizer com a visão que os outros possuem de sua pessoa e, segundo Goffman, isto abre espaço para a existência do estigma.

Tal estigma ainda pode estabelecer uma relação com o que é chamado de “homofobia internalizada”, a qual pode ser vivenciada por indivíduos que não são heterossexuais. Henrique Pereira e Isabel Leal (2002) discutem que a homofobia internalizada se caracteriza como um fenômeno cultural que pode afligir os gays, as lésbicas e as pessoas bissexuais. Para este grupo de pessoas,

muito antes de perceberem a natureza da sua orientação sexual, os homossexuais internalizam uma série de mensagens correspondentes aos valores negativos face à homossexualidade. Muitas vezes, reconhecem os seus sentimentos de atração por pessoas do seu próprio sexo e iniciam um processo psicológico de

auto rotulação que não é acompanhado por nenhuma abertura interpessoal das suas próprias emoções e comportamentos. Mas, iniciado o processo de auto rotulação, os efeitos de dano psicológico ocasionados pelas tais mensagens negativas tomam lugar. (p.107)

Assim, tem-se um processo no qual há “o direcionamento das atitudes sociais negativas para o self da pessoa gay, levando à desvalorização desse self e resultantes conflitos internos e uma autoimagem empobrecida” (Meyer e Dean, 1998 apud Pereira e Leal, 2002, p.107). O estabelecimento de uma autoimagem empobrecida pode dificultar o processo de auto aceitação por qual estes indivíduos passam ao longo da vida, uma vez que tem-se um mecanismo poderoso no qual se estabelece um processo de vergonha de si e opressão sustentado por uma ordem social que contém todos aqueles fora da heterossexualidade sob o próprio aprisionamento (NASCIMENTO, 2010). Teixeira-Filho e Roudini (2012) utilizam-se do termo “luto da heterossexualidade” para denominar o processo fundamental pelo qual estes indivíduos devem passar para que haja uma construção de uma identidade sexual que contemple o reconhecimento do indivíduo em sua sexualidade. Deste modo, a pessoa se encontra em um estado no qual se sente autorizada a expressar os desejos que rodeiam sua sexualidade.

Após a apresentação de um panorama de como a nossa sociedade se estrutura e que questões estão imbricadas nela, e retomando-se o fato de o presente trabalho ter o objetivo de investigar os impactos advindos da heteronormatividade na constituição da identidade sexual de mulheres, será apresentada a seguir a metodologia adotada.

MÉTODO

O presente estudo teve como objetivo investigar os impactos da heteronormatividade na constituição da identidade sexual de mulheres lésbicas e bissexuais. Para tal, foi realizada uma pesquisa qualitativa, a qual possibilitou a exploração de um universo de significados, representações e atitudes, fornecendo acesso a um espaço não perceptível das relações sociais e possibilitando uma compreensão da realidade humana vivida socialmente (GONÇALVES e LISBOA, 2007). O método seguido foi o da perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, tendo como foco a apreensão dos sentidos presentes nos discursos coletados.

Participaram desta pesquisa uma mulher de 22 anos autodenominada lésbica e uma mulher de 24 anos autodenominada bissexual, ambas moradoras da cidade de São Paulo e que possuíam nível superior incompleto no momento de suas entrevistas (ambas estavam cursando a graduação).

A estratégia metodológica adotada foi a autobiografia. A narrativa autobiográfica foi solicitada pela condução de uma entrevista aberta, possibilitando uma maior liberdade às falas das entrevistadas e teve como ponto de partida uma pergunta motivadora. Tal pergunta inicial e motivadora teve o objetivo de estimular a entrevistada a elaborar um relato de vida dando foco à sua experiência em relação à heteronormatividade. O foco da entrevista foi a história de vida das participantes no que diz respeito à vivência da construção da identidade sexual. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para garantir a apreensão de todas as informações fornecidas e possibilitar sua análise.

Segundo Abrahão (2003), o recurso autobiográfico reconhece que a experiência de cada um é vivenciada de forma holística e integrada, na qual as pessoas se encontram em um constante processo de autoconhecimento. Há ainda o entendimento de que este recurso abre espaço para um diálogo entre o individual e o sociocultural, uma vez que "põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos" (Moita, 1995, p. 113). Como há um foco no caráter individual, deve-se esclarecer que não houve intenção de se estabelecerem generalizações estatísticas, mas, ao contrário, verificar e

compreender o fenômeno que está sendo estudado sob a perspectiva das próprias participantes.

Como modo de entrar em contato com a vivência das pessoas, a entrevista pode ser utilizada como um recurso, pois é capaz de produzir um material mais complexo e interessante a partir de uma narrativa de vida, indo além de uma simples estória.

Nas estórias, a preocupação do narrador é relatar/descrever os fatos. Nas narrativas, a preocupação é outra: construir significados, estabelecer relações e refletir sobre os fatos previamente narrados nas estórias. A estória se torna, pois, objeto e método de pesquisa. Objeto porque é nela que os esforços se concentram para se chegar em uma compreensão mais concreta da experiência. É, também, método porque é pela narração que os significados são construídos (Telles, 1999, p. 88-89).

Os dados coletados foram analisados à luz da Psicologia Sócio-Histórica, buscando-se o estabelecimento de núcleos de significação a fim de se apreender a constituição dos sentidos contidos nas falas das mulheres entrevistadas. Segundo Aguiar e Ozella (2013), tal recurso tem o objetivo de compreender o objeto de estudo em seu processo histórico. Para isto, deve-se considerar que o ser humano é um ser único, singular e histórico, que está constituído em uma relação dialética com a História e com o Social.

A organização da fala do sujeito em núcleos de significação deve ser feita de forma a ser articulada com o processo histórico que a constitui, uma vez que o sujeito transforma o social em psicológico, podendo assim construir seus sentidos. Confirmase, portanto, a importância que deve ser dada à realidade social, uma vez que, considerando-a, é possível alcançar a explicação para todo um movimento que é, ao mesmo tempo, individual e social/histórico. Desse modo, “nossa tarefa consiste, portanto, em apreender a forma como nossos sujeitos configuram o social, um movimento que sem dúvida é individual, único e ao mesmo tempo histórico e social” (Aguiar, 2007, p. 139).

Partindo-se de uma primeira leitura do material transcrito, foram destacados os conteúdos contidos nas falas das entrevistadas que carregam uma maior carga emocional ou ambivalência: estes são chamados de pré-indicadores. De maneira geral, estes pré-indicadores podem ser compreendidos como “(...) trechos de fala

compostos por palavras articuladas que compõem um significado, carregam e expressam a totalidade do sujeito e, portanto, constituem uma unidade de pensamento e linguagem” (Aguiar; Ozella, 2013, p. 309).

Estes pré-indicadores foram aglutinados por similaridade, complementaridade ou contraposição, formando, portanto, os indicadores e alcançando uma outra forma de articulação dos conteúdos.

Por fim, os núcleos de significação foram formados a partir da articulação dos indicadores e dos conteúdos contidos em sua organização, bem como pela compreensão crítica que o pesquisador possui da realidade. Estes devem expressar aspectos essenciais do sujeito, superando assim tanto os pré-indicadores quanto os indicadores:

É neste momento que efetivamente avançamos do empírico para o interpretativo (apesar de todo o procedimento ser, desde o início da entrevista, um processo construtivo/interpretativo). Os núcleos resultantes devem expressar os pontos centrais e fundamentais que tragam implicações para o sujeito, que o envolvam emocionalmente e que revelem as determinações constitutivas do sujeito (Aguiar; Ozella, 2013, p. 310).

Acrescento que todos os cuidados éticos previstos na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde foram tomados durante a investigação realizada e que resultou no presente trabalho.

O projeto de pesquisa que culminou neste trabalho foi aprovado pela Comissão de Pesquisa da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC-SP por meio da Plataforma Brasil sob o parecer de número 2.359.287.

A apresentação de um termo de consentimento livre e esclarecido foi realizada no momento da entrevista. Após sua devida leitura e assinatura por parte das entrevistadas é que as entrevistas foram iniciadas. Além de estar contido no termo, foi salientado às participantes que todos os dados contidos nas entrevistas fornecidas seriam analisados de maneira a garantir os respectivos anonimatos.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Caracterização

A primeira entrevista foi realizada com Sofia¹, uma mulher de 22 anos, moradora da cidade de São Paulo e que se autodenomina como lésbica.

A segunda entrevistada foi Rafaela², uma mulher de 24 anos, também moradora de São Paulo e que se autodenomina como bissexual.

Análise dos Núcleos de Significação

SOFIA

A partir da entrevista realizada com Sofia, foram feitas leituras de sua transcrição a fim de se extraírem conteúdos que se destacaram em suas falas, sendo que destes emergiram 69 pré-indicadores. Após este levantamento, uma aglutinação destes pré-indicadores foi realizada, seguindo-se os critérios de semelhança, complementariedade ou contradição indicados por Aguiar e Ozella (2013), resultando em 12 indicadores, os quais formaram 4 núcleos de significação (Apêndice B: indicadores e núcleos de significação – Sofia), seguindo-se os mesmos critérios. Os núcleos de significação construídos foram:

1) “Aí depois eu entrei na universidade e aí eu percebi que era um lugar, por mais que eu não tenha tido uma acolhida, mas era um lugar mais ou menos okay para eu viver assim.”

2) “Aí eu fiquei na pura negação por muitos anos (...), não era uma possibilidade.”

3) “Chegou um cara e meio que tipo, começou a assediar muito a gente (...) sabe quando você treme de medo? Aconteceu isso, eu tremia de medo.”

4) “Divisor de águas: Sofia antes, Sofia depois.”

O **primeiro núcleo de significação** formado, intitulado de “Aí depois eu entrei na universidade e aí eu percebi que era um lugar, por mais que eu não tenha tido uma acolhida, mas era um lugar mais ou menos okay para eu viver assim.”, aborda a

¹ Nome fictício para garantir anonimato da participante.

² Nome fictício para garantir anonimato da participante.

vivência que Sofia teve e tem dentro de sua universidade, estendendo-se para a relação e o entendimento que possui para com o Coletivo LGBT universitário. Sofia afirma que foi somente na faculdade que começou a entrar em contato com a questão da heteronormatividade, no sentido de compreender que esta é um fenômeno que existe e que ocorre. Para ela, o fato de sua universidade possuir poucas lésbicas fez com que ela não se sentisse acolhida naquele ambiente, chegando a dizer que vivenciou um sentimento de não pertencimento a um local. Mesmo relatando este sentimento de não pertencimento, é possível perceber em sua fala que Sofia ainda se sentia, de certo modo, confortável no meio universitário. Isto é verificado no seguinte pré-indicador:

(...) porque assim, minha faculdade tem pouquíssimas lésbicas, eu acho que tem muito pouca aqui e aí de princípio eu ficava meio... sabe quando você se sente meio deslocada, só que ao mesmo tempo você vê que todo mundo não tá nem aí pra isso?

Pode-se perceber certo sentimento de ambivalência em relação ao ambiente universitário. Por um lado, este não se fez acolhedor, porém, ao mesmo tempo, Sofia tem em si que as outras pessoas não estão “nem aí” para a orientação sexual dos estudantes. O sentimento de não pertencimento não se restringe somente à pequena população de mulheres lésbicas encontrada na universidade, mas também se estende à visão de Sofia acerca do trato do Coletivo LGBT da universidade para com as lésbicas.

Então... talvez seja por isso que eu tenha um grande receio de participar do coletivo LGBT, não é uma coisa que eu queira militar porque eu não me sinto segura. Eu não me sinto segura at all assim, tipo, me dá um medinho. Então eu acho que a minha questão mais é isso, eu acho que falta muito suporte para as lésbicas, falta demais assim, porque a gente acaba criando uma rede de apoio, porque tem poucas lésbicas na minha universidade, então eu acho que todas que tem se conhecem (risos), “oi, vamos se ajudar?”, porque rola um medo.

Para Sofia, a existência de um Coletivo LGBT em sua universidade não garante um apoio para as mulheres lésbicas universitárias. A falta de apoio para esta população é compreendida pela entrevistada como uma negligência existente por parte do coletivo, o que acaba por colocá-la em posição de não se sentir segura para se juntar ao movimento e militar sobre questões que ela considera serem importantes.

Contudo, há certa autocobrança para uma participação junto ao Coletivo LGBT. Quando Sofia se refere a uma possível participação deste coletivo, ela contempla isto dizendo “é uma coisa que eu tenho que melhorar” e “eu preciso melhorar isso, bastante.” Dessa forma, encontra-se presente em seu discurso algum tipo de desejo referente a uma militância em conjunto ao Coletivo LGBT universitário, mesmo havendo uma posição de medo também presente em sua fala. Uma possível atuação em conjunto ao coletivo viria por parte de Sofia a ser estabelecida com foco na população lésbica, uma vez que ela compreende que há uma negligência destas mulheres por parte deste coletivo universitário. Mesmo havendo a presença de um desejo, podemos dizer que este ainda não foi colocado em prática pela existência de um medo que envolve esta participação. Em sua fala, há um peso maior dado à questão de um não conforto e segurança advindos desta participação, do que ao fato dela precisar se aliar ao coletivo.

O **segundo núcleo de significação** “Aí eu fiquei na pura negação por muitos anos (...), não era uma possibilidade” explora as questões da negação e da não possibilidade de ser lésbica e as repercussões que estas tiveram na vida de Sofia. Assim, para além do indicador de negação e não possibilidade de ser lésbica, contemplam-se os indicadores de relacionamentos com meninos: tentativas de se encaixar e compreensão da heterossexualidade compulsória e heteronormatividade.

Durante a entrevista realizada com Sofia, foi possível perceber a importância que ela dava para a questão da heterossexualidade compulsória e da heteronormatividade. A presença constante destes termos ao longo de sua fala demonstra que a entrevistada compreende suas existências e seus mecanismos, bem como estabelece um claro entendimento da pergunta motivadora utilizada para o início da entrevista. Entretanto, quando estes foram apresentados em sua fala a fim de se estabelecer uma relação destes fenômenos com a história pessoal de vida de Sofia, estes destaques foram dados, algumas vezes, tendo-se um tom de afastamento da vida da entrevistada, como pode ser visto em suas falas:

A heteronormatividade não foi uma coisa muito presente assim que eu tenha visto na minha vida.

E

Acho que a heteronormatividade não me pegou tanto diretamente, eu acho que pegou por exemplo minha ex-namorada.

Sofia acaba se colocando em posição de entender que em sua vida a heteronormatividade, bem como a heterossexualidade compulsória, não tiveram uma influência tão grande, uma vez que traz outras figuras presentes em sua história, como a ex-namorada, que em seu julgamento sofreu mais com estas questões. Compreende-se assim a lógica trazida em seu discurso; por meio de uma comparação com a história de vida de outras pessoas, a entrevistada acaba por fazer um relato que coloca a sua própria história como tendo sido “privilegiada” e estando em uma “zona de conforto”, termos utilizados pela própria entrevistada. Contudo, isto não deve ser interpretado como forma de invalidar a vivência de Sofia em relação a heteronormatividade e a heterossexualidade compulsória.

A partir das diversas leituras realizadas do material da entrevista, foi possível notar que estas duas questões tiveram sim peso e importância na história de Sofia em relação à sua sexualidade, e a entrevistada consegue ter esta compreensão, mesmo realizando um movimento de tentar afastar tais fenômenos de sua história.

Eu percebi, hoje em terapia eu percebo que eu tentei de alguma maneira me encaixar, sabe, eu tentei me encaixar, tentar namorar algum menino, só que ao mesmo tempo eu nem cogitava a ideia de ser lésbica, tipo, não passava na minha cabeça de maneira nenhuma só que ao mesmo tempo eu não gostava de ficar com ele.

Os relacionamentos estabelecidos com meninos durante a sua adolescência carregam um tom de uma tentativa de adequação ao que é tido pela sociedade como norma de relacionamentos amorosos. Sofia relata que ambos os namoros que teve durante o período da adolescência com meninos não foram nem um pouco satisfatórios.

Acho que também teve a questão da heteronormatividade quando eu era adolescente, aí eu namorei um menino, durou muito, durou dois meses, porque claramente eu gosto, né? (risos).

Tal passagem traz um exemplo de um momento no qual a entrevistada faz um movimento de aproximar a questão da heteronormatividade para a sua própria história, reconhecendo-se assim a presença deste fenômeno em sua vida e contradizendo o seu primeiro processo de tentar afastar estes fenômenos de sua vida particular. Ao passo que Sofia está inserida em uma sociedade que possui valores

que ditam o relacionamento heterossexual como regra, verifica-se que sua fala sobre ter tentado de alguma maneira se encaixar carrega em si a expectativa que a sociedade deposita na mulher: que ela se relacione romântica e sexualmente com um homem.

A partir do momento em que Sofia relata suas tentativas de entrar nesta lógica heterossexual, aparecem em seu discurso outras marcas da heteronormatividade e heterossexualidade compulsória. Estas estão presentes em suas falas que carregam em si os conteúdos da não possibilidade de ela ser lésbica – no sentido de isto não ser nem algo que poderia ser parte de sua identidade – bem como a negação desta possibilidade. A entrevistada enfatiza ambos os conteúdos e isto é visto no grande número de pré-indicadores retirados de sua entrevista que possuem em si tanto a questão da não possibilidade de ser lésbica quanto o processo de estar em negação desta possibilidade. O fato de Sofia trazer veementemente estes dois pontos em sua entrevista qualificam-nos como de suma importância para sua história de vida.

Mas hoje eu consigo entender que grande parte desse sofrimento é porque eu tava muito em negação, mas era uma coisa que assim, não era nem possibilidade. E eu acho muito que a partir do momento que você nega uma possibilidade você fica estreito e é sofrimento assim. E eu negava, eu negava, eu negava...

A negação vivida por Sofia está bastante atrelada à visão de uma não possibilidade de ela ser lésbica e, para além disto, traz a vivência de um sofrimento que se manifesta por conta desta negação. É interessante notar que a entrevistada cita que passou por uma fase de muito sofrimento e que, atualmente, tem a compreensão de que grande parte dele está relacionada com a época na qual mais negava sua orientação sexual. O sofrimento advindo desta negação configura-se como mais um ponto onde podemos ver uma relação com a heteronormatividade. Para Sofia, tanto os namoros com meninos quanto o processo de negação se caracterizam como marcos de sua história, nos quais a heteronormatividade e a heterossexualidade compulsória estiveram presentes deixando suas marcas: a tentativa de se encaixar em um relacionamento heterossexual e o sofrimento.

É válido notar como Sofia consegue construir em seu discurso uma relação muito próxima que se estabelece entre a heterossexualidade compulsória e a sua vivência da não possibilidade de ser lésbica. A entrevistada constrói uma linha de

pensamento na qual este fenômeno é visto como algo estrutural que vem desde o nascimento e que faz com que os indivíduos não tenham nenhuma chance de enxergar qualquer outra possibilidade, chegando ao ponto de afirmar que “você convive com ela [heterossexualidade compulsória] e nem sabe”. Este pensamento construído por Sofia condiz com o que Ciampa (2005) defende sobre a existência de uma pressuposição feita da identidade antes mesmo do nascimento. Desse modo, é sempre pressuposto que todo novo indivíduo que nasce terá uma identidade sexual heterossexual, não havendo espaço para a possibilidade de qualquer outra forma de expressão da sexualidade humana.

Eu acho que a heterossexualidade afeta desde o nascimento, né porque é uma coisa muito estrutural a heterossexualidade compulsória. Então você nasce e se você é uma menininha ela vai namorar um menininho e vai ficar tudo bem, porque ela vai seguir o que ela tem que seguir, o ciclo da vida. Então eu acho que é uma coisa que não tem como a gente escapar (...). Vou namorar, porque eu sou uma menina então eu vou namorar um menino. E eu acho que ela é uma coisa tão, tão, mais tão estrutural que você realmente faz como eu fiz, você não vê outra possibilidade. A partir do momento que você enxerga outra possibilidade, você fica tipo, “Ah! Tem isso, né?”. Porque você fica numa bolha (...).

Todos os pontos expressos por Sofia que estabelecem uma relação com a heterossexualidade compulsória e a heteronormatividade contradizem a forma de pensamento que ela tenta estabelecer para a sua própria história. Sua tentativa de afastar estes fenômenos de sua construção de identidade sexual acaba sendo desconstruída à medida que relata suas vivências e experiências, nas quais as marcas de ambos estes fenômenos se mostram de forma clara.

O terceiro núcleo de significação, nomeado de “Chegou um cara e meio que tipo, começou a assediar muito a gente (...) sabe quando você treme de medo? Aconteceu isso, eu tremia de medo” abrange as questões do medo e do assédio, da violência lésbica e negligência lésbica dentro do movimento LGBT, e da tentativa externa de se nomear um “homem da relação”. Os indicadores que compõem este núcleo trazem a visão de uma realidade experienciada por Sofia no que diz respeito à vivência de sua sexualidade, principalmente no que tange a esta vivência inserida em uma sociedade que possui certos valores e visões, delimitando-se assim um cenário no qual o assédio, o medo e a violência se fazem muito presentes. Mesmo os dois indicadores que não carregam em si um assédio e violência explícitos acabam

revelando a presença de uma violência velada também sofrida por Sofia. Suas falas trazem conteúdos de sua própria história de vida e de entendimento de mundo que revelam que este assédio e violência vêm tanto de fora da comunidade LGBT quando de dentro.

O indicador “O assédio que leva ao medo e o medo de ser assediada” apresenta a questão da violência e assédio explícitos. Durante a entrevista, Sofia apresenta alguns exemplos de sua vida que ilustram esse assédio mais aberto. Relata a vez em que sofreu um estrangulamento durante o carnaval por parte de um homem gay, que a levantou pelo pescoço e perguntou: “você não é homem? Então me encara!” Outro relato parte de seu receio de frequentar um motel, uma vez que cita ter medo de alguém ter a cópia da chave do quarto e realizar algum tipo de assédio contra ela. O discurso de Sofia, que se expande para além desses exemplos trazidos, mostra uma relação quase de um ciclo formado entre o assédio e o medo: Sofia, por um lado, sente medo ao sofrer algum tipo de assédio e, por outro, se priva de frequentar certos espaços ou de responder a certos tipos de comentários por medo de sofrer algum tipo de assédio.

E aí surgem todas essas violências e daí eu acho que lidar com ela é um processo, assim como a aceitação, elas andam juntas. Você tem que lidar, lidar, apreender, ter muita resiliência, assim, porque não é fácil, você leva, como chama isso? Um estrangulamento, sei lá, no carnaval de uma pessoa que deveria te entender porque ele é gay, sabe?

A situação vivida de estrangulamento na qual o homem que a levanta pelo pescoço e pergunta “você não é homem? Então me encara!” estende-se para além do indicador que explora a violência e o medo: o indicador – “A não existência de um ‘homem da relação’”. Tal indicador discute a realidade na qual há uma tentativa de se encaixar um relacionamento entre duas mulheres em uma lógica heterossexual, isto é, uma delas é o homem e a outra a mulher naquele relacionamento. Assim, o entendimento de que um relacionamento que não envolve homens necessita da presença da figura de um homem acaba por encapsular o relacionamento entre duas mulheres em uma compreensão heterossexual, na qual um homem e uma mulher formam o relacionamento, aproximando-se do que Adrienne Rich (1993) denominou de “ideologia do romance heterossexual”. Sofia deixa claro que já se deparou com situações nas quais esta lógica heterossexual de relacionamento esteve presente,

com a tentativa exterior de se estabelecer quem é o “homem da relação” do relacionamento que ela tinha. Isto pode ser visto nos seguintes pré-indicadores:

E tem uma necessidade das pessoas quando veem um casal de duas meninas de perguntar quem é o homem da relação que ah, cacete, a ideia é que não tenha homem.

E:

Então por isso eu fico irritada, por exemplo, quando eu fico com alguma menina e falam que ela é o homem da relação, sabe, eu tenho vontade de dar um soco, a ideia é a de que não tenha homem na minha vida.

As falas de Sofia em relação a esta tentativa de se encontrar um “homem da relação” em um relacionamento entre duas mulheres são trazidas com um tom de irritação e com uma afirmação de que “a ideia é que não tenha homem”. Tal tentativa de se buscar esta figura do homem na relação pode ser compreendida como outra forma de violência, a qual tenta, reiteradamente, impor a heterossexualidade em um relacionamento onde não há nada de heterossexual.

Outras questões trazidas por Sofia em seu discurso são a violência e negligência das lésbicas por parte do movimento LGBT. Novamente, tem-se aqui a negligência que já tinha sido mencionada pela entrevistada em relação ao Coletivo LGBT de sua universidade e explorada, em seu devido entendimento para este coletivo, no primeiro núcleo de significação.

Tem muita violência com os LGBTs, só que a violência lésbica eu acho pesada. (...) e também a questão da proteção sexual, sabe, tipo, não tem. Tem tipo papel filme, real, ou senão o negócio do dentista que eu esqueci o nome. Então você fica, sabe, quantas meninas não têm a mínima ideia.

Sofia nomeia de negligência a falta de atenção dada às lésbicas pelo movimento LGBT, no que se expande ao cuidado com a saúde da mulher lésbica, com a violência e o medo sofridos. Para além disto, retoma o exemplo do homem gay que a levantou pelo pescoço, trazendo uma reflexão pessoal de que a maioria dos homens gays são muito machistas. Desse modo, propõe que seja necessário que o movimento LGBT como um todo se volte para si e enxergue estas questões como o machismo, a misoginia e a misandria que acabam estando presentes em sua constituição e trazendo muitos pontos negativos e de violência.

Então eu acho que é mais ou menos isso, e eu acho que cabe ao coletivo LGBT, à força LGBT como um todo pensar nessa questão para além do que eles estão pensando sabe, pensar tipo “vamos trabalhar o seu machismo? Mesmo você sendo gay, foda-se qual a sua orientação sexual, mas você ainda é homem, vamos trabalhar com isso?”

Neste trecho de seu discurso, verifica-se uma mistura entre o coletivo LGBT universitário e o movimento LGBT como um todo. Esta mistura pôde ser vista em outros trechos da entrevista, contudo isto não impossibilitou a compreensão do que Sofia estava trazendo em sua fala, às vezes mencionando uma ação mais local, para a universidade, ou algo mais amplo, para a comunidade LGBT como um todo. O uso indiferenciado entre coletivo LGBT universitário e movimento LGBT em algumas partes de seu discurso revela que estes possuem influência um no outro e, assim, a utilização destes termos de forma intercalada não compromete o entendimento das críticas realizadas por Sofia ao longo de sua entrevista. De todo modo, a importância não é dada pela entrevistada na nomeação Coletivo ou Movimento, mas sim no conteúdo crítico que aponta em relação a estes.

Vê-se presente uma crítica e reflexão acerca de como o movimento LGBT lida com suas questões internas. Para Sofia, muitas vezes este acaba se fechando em somente discutir questões de ordem da orientação sexual, perdendo-se assim a oportunidade de explorar temas que permeiam nossa sociedade atualmente e que iriam de todo modo contribuir para que tal negligência encontrada por Sofia diminuísse. Encontra-se aqui o mesmo movimento que a entrevistada apresentou em relação ao Coletivo LGBT universitário, corroborando para o entendimento de que a crítica trazida referente a estes dois movimentos tem mais importância do que suas devidas nomeações ao longo da entrevista.

O **quarto núcleo de significação**, “Divisor de águas: Sofia antes, Sofia depois.”, explora o processo de aceitação de Sofia e dos outros em relação à sua sexualidade, o papel que sua ex-namorada teve neste processo, a questão do ser lésbica, a importância que a época de escola teve na constituição da sua identidade sexual, bem como a compreensão da heteronormatividade e heterossexualidade compulsória que Sofia possui. O entendimento que a entrevistada tem destes dois últimos fenômenos já foi explorado em outros núcleos de significação já apresentados. Contudo, este indicador possui grande importância também para este

núcleo, agindo como um pano de fundo para a compreensão de todos os outros indicadores apresentados e discutidos aqui, uma vez que fica clara a relação que estes fenômenos têm com o discurso da entrevistada.

O relato feito por Sofia da dimensão do processo de aceitação foi feito de forma a destacar dois pontos importantes que possuem suas devidas diferenças para a história da entrevistada – o processo de aceitação pelos outros e o processo da aceitação própria. No que diz respeito à aceitação pelos outros, o discurso de Sofia se constrói de forma a deixar claro que este processo foi, ao seu ver, tranquilo, a colocando em uma posição de privilégio quando isto é colocado em comparação com a vivência de outras pessoas LGBT. Contudo, isto não retira de sua história a vivência de preconceitos, violências e assédios. Isto fica evidenciado no seguinte pré-indicador:

Então eu acho que o meu depoimento é mais uma questão, é um depoimento de uma pessoa que até foi privilegiada nessa questão, tipo, aceitação de família, de escola, etc. Então é mais uma... por mais que eu tenha sofrido essas coisas, eu ainda estou em uma zona de conforto.

Entretanto, quando Sofia se refere ao outro lado deste processo, a compreensão se torna completamente diferente: [Você diz tranquilo em relação aos outros, e em relação com você mesma, como que foi isso?] “Comigo, eita... comigo foi mais tenso.” Evidencia-se aqui a presença de duas posições diferentes perante o processo de aceitação. De um lado, há o mundo externo, com a presença da família, amigos e escola apresentando-se como um espaço de fácil e tranquila aceitação da sexualidade da entrevistada. De outro, há o mundo interno, de Sofia com ela mesma neste processo, como sendo o ponto de dificuldade de todo o processo de aceitação. Concentra-se assim a dificuldade deste processo no ponto da autoaceitação.

A figura da ex-namorada é trazida como ponto crucial para que a aceitação própria começasse a ser formada e estabelecida. Sofia apresenta a ex-namorada como alguém que lhe possibilitou dar o *start* no seu processo de autoaceitação e quem configurava uma parte de uma rede de apoio que lhe dava suporte para que este processo ocorresse.

Eu acho que eu me assumi 100% quando eu comecei a namorar, daí foi uma coisa, tipo, 100% (...) Então, eu acho que a partir do momento

que eu comecei a namorar, eu comecei a me sentir muito mais, tipo, eu fiquei mais de boa comigo, entende?

Enquanto a ex-namorada é trazida como uma figura importante para o processo de autoaceitação, formando uma parte importante de uma rede de apoio, a escola em que Sofia estudou é apresentada como sendo um divisor de águas, tendo uma grande importância para que a entrevistada se abrisse para a possibilidade de uma orientação sexual diferente da heterossexual. A inserção de Sofia durante um período de sua adolescência em um ambiente educacional que a apresentou para mulheres lésbicas é trazido no discurso da entrevistada como um marco. A presença de muitas meninas lésbicas nesta escola foi enfatizada diversas vezes na fala de Sofia. Ela até acaba por trazer o apelido que a escola recebeu por conta de suas alunas lésbicas, o qual é um trocadilho entre o nome da instituição e a palavra sapatão³, como forma de mostrar que isto era algo conhecido pela própria população que frequentava a escola na época. Desse modo, este ambiente teve um papel importante por ter apresentado à Sofia esta outra configuração de possibilidade de relacionamento.

Porque, sei lá, acho que se eu não tivesse nesse colégio que só tinha meninas lésbicas, eu não sei se eu teria caído a ficha, de verdade (...).

O ambiente no qual estamos inseridos exerce influência na constituição de nossas identidades, uma vez que nos coloca em contato com o outro, proporcionando a troca social (BERGER e LUCKMANN, 1976; HABERMAS, 1976). Portanto, o fato de Sofia ter frequentado um espaço que a colocou em contato com tantas meninas lésbicas teve seu significado, possibilitando-lhe entrar em contato com o outro, algo que lhe proporcionou uma abertura de conhecimento de outras formas de relacionar-se.

Todo o processo pelo qual Sofia passou fez com que ela se identificasse em uma orientação sexual lésbica, onde tal identidade se encontra hoje em dia como uma possibilidade para a entrevistada. Chega-se assim ao indicador “ser lésbica”, o qual traz a dimensão da identidade sexual que Sofia possui. A entrevistada reconhece que, no seu caso, esta parte de sua identidade está muito clara para os outros, chegando a afirmar que a partir do momento que alguém convive com ela, isto fica “super na

³ O trocadilho não foi mencionado a fim de se manter o sigilo da entrevistada.

cara”. Para além desta afirmação, Sofia traz em seu discurso certas falas que foram apresentadas com um certo tom de desabafo acerca da realidade da mulher lésbica.

E eu acho que aí que tá a parte de, a delicadeza da, para mim, de ser lésbica, é você lidar com o preconceito da sua orientação sexual e lidar com muita misoginia e muito machismo. (...) porque você tá namorando uma pessoa, namorando o sexo que a sociedade reprime.

Sofia traz em sua fala as dificuldades que enfrenta por conta de sua identidade, no que diz respeito aos preconceitos que a circundam. Para além de citar as questões da misoginia e do machismo, a entrevistada aprofunda-as, explorando o que se tem em nossa sociedade atual que é a repressão das mulheres e o impacto que isto tem a partir do momento em que você é uma mulher se relacionando com outra mulher. É interessante notar que Sofia apresenta uma crítica nesta sua fala e, ao mesmo tempo, constrói seu discurso de modo a colocar estas questões como um lado da delicadeza de ser lésbica. Para Sofia, ter de enfrentar o machismo e a misoginia que a rodeia se coloca como um ponto de delicadeza de sua identidade sexual. A sociedade a reprime, mas ela continua existindo.

RAFAELA

Nos mesmos moldes da entrevista de Sofia, a entrevista de Rafaela foi gravada e posteriormente transcrita para que sua análise pudesse ser realizada. Essa entrevista foi submetida a procedimentos semelhantes de análise que a entrevista de Sofia. Desse modo, foram levantados primeiramente pré-indicadores, os quais foram aglutinados a partir dos critérios de semelhança, complementariedade ou contradição indicados por Aguiar e Ozella (2013) e posteriormente formaram os núcleos de significação. Foram extraídos 59 pré-indicadores da entrevista de Rafaela, os quais formaram 8 indicadores que resultaram em 3 núcleos de significação (Apêndice C: indicadores e núcleos de significação – Rafaela). Estes são:

1) “(...) já seria alguma coisa errada de ter a minha sexualidade e tal e ainda mais ser duas mulheres, sabe.”

2) “(...) o quanto que é importante ter lugares em que você se sinta bem e que você é aceito.”

3) “Sempre tem esse negócio, né: ‘aí, gay então é uma coisa mega promíscua, sabe’.”

O primeiro núcleo de significação formado, “(...) já seria alguma coisa errada de ter a minha sexualidade e tal e ainda mais ser duas mulheres, sabe” explora a questão da vivência da sexualidade de Rafaela. Rafaela conta que em sua família o tema da sexualidade era tratado como se fosse um tabu no período em que ela estava crescendo. Dessa maneira, qualquer contato que ela tinha com o tema era registrado como se fosse algo errado. Para além disso, vivenciar algo que se estendia para um sentimento ou desejo dirigido a uma outra mulher era visto como algo mais errado ainda.

E eu acho que envolve também uma questão de sexualidade geral porque em casa era uma coisa muito... tipo, era um tabu, mega errado. Sei lá, quando eu era mais nova e eu sentia alguma coisa ou alguma coisa assim eu ficava “tá errado e tal”. E eu lembro uma vez que tava, sei lá, zapeando o controle da TV e era tipo, sei lá, de madrugada e aí tava passando um filme com duas meninas assim e eu falei “mano, eu tô errada ao cubo”, né, já seria alguma coisa errada de ter a minha sexualidade e tal e ainda mais ser duas mulheres, sabe.

Tal fala traz em si os valores pertencentes a família de Rafaela em relação à questão da sexualidade, os quais corroboraram para que ela construísse uma visão em torno da sexualidade como sendo uma vivência errada, independente de quem estaria do outro lado de um possível relacionamento. A entrevistada menciona que tinha para sua realidade pessoal o gostar também de mulheres como algo que não se apresentava como uma possibilidade para si, com isto também sendo colocado como errado. A bissexualidade se dava como uma não possibilidade, uma vez que havia a presença de um julgamento de valor negativo em cima da sexualidade como um todo, que se extrapolava quando esta não condizia com uma heterossexualidade.

O contato com pessoas para além da família possibilitou que Rafaela começasse a enxergar a bissexualidade como uma possibilidade para si. Contudo, este entendimento não escapa da vivência de um gostar de mulheres que se estabeleceu de forma a não ter questionamentos próprios acerca desta sexualidade. É possível perceber um movimento relatado por Rafaela no qual a vivência da bissexualidade foi tida com algumas ressalvas e ambiguidade.

Ao mesmo tempo que Rafaela relata perceber certas coisas em si em relação a um gostar de mulheres, de algum modo ela apresenta uma barreira que tenta distanciá-la desta vivência naquela época, relatando que tinha pensamentos como

“ah, não sei se é isso, não sei se gosto disto nem nada”, “ah, tá, se um dia eu quiser” e “ah, não é nada isso”. Essas formas de se expressar perante a bissexualidade evidenciam o momento pelo qual Rafaela estava passando, quando passou a enxergar esta sexualidade como uma possibilidade, como algo que fazia sentido para sua vida. Esta tentativa de manter uma distância foi diminuindo à medida que Rafaela começou a se aceitar. Ela traz como ponto de inflexão deste processo de aceitação o contato que teve com uma mulher em uma festa. Por meio deste encontro, a entrevistada relata que seu pensamento mudou para “nossa, acho que talvez seja isso”, em relação a ela ser bissexual.

Mesmo com Rafaela fazendo uma nomeação de si como bissexual, é possível perceber ao longo de seu discurso traços de uma homofobia e bifobia internalizada que poderiam sinalizar uma não aceitação própria consolidada. A homofobia internalizada se torna evidente quando a entrevistada se refere aos pensamentos de como ela iria explicar um relacionamento com uma mulher para a família, bem como quando diz que colocou de lado o fato de gostar de mulheres quando iniciou um relacionamento com um homem. A bifobia internalizada fica muito evidente no seguinte pré-indicador:

E aí eu acho que, eu não sei se a gente tipo, sei lá, se uma pessoa bi, tipo, sofre... é que eu não sei se adianta comparar sofrimentos, mas sofre menos ou mais assim. Eu acho que sofre menos, não sei porque assim, porque você meio que tem uma saída sabe (risos), então você pode tipo... você também gosta de homens então é mais ok.

Rafaela faz uma ressalva sobre se vale a pena comparar sofrimentos. Contudo, ela continua desenvolvendo sua linha de pensamento e acaba chegando à conclusão de que pessoas bissexuais devem sofrer menos que pessoas gays e lésbicas. Sua justificativa se apoia no fato defendido por ela de que uma mulher bissexual também se interessa por homens e, assim, teria “uma saída” e se encaixaria em um relacionamento com uma primeira faceta heterossexual. Toda esta ideia trazida revela uma bifobia internalizada vivida pela entrevistada, que a faz tentar achar que em sua bissexualidade, pelo fato dela também gostar de homens, consiga se aproximar do que é tido como um relacionamento “correto” pela sociedade – aquele que se estabelece entre um homem e uma mulher. Todavia, uma mulher bissexual em um relacionamento com um homem continua sendo bissexual, uma vez que ela não se

transforma em heterossexual quando estabelece um relacionamento com um homem. Do mesmo modo, um homem bissexual continua sendo bissexual quando se relaciona com mulheres.

Esta homofobia e bifobia internalizadas também podem ser verificadas no seguinte pré-indicador, quando a entrevistada está se referindo a um de seus amigos:

O Bernardo⁴ é bi também, só que ele fica muito mais com homem do que mulher e aí eu falo gay, mas ele é bi também.

Há uma contradição no discurso apresentado por Rafaela. Por um lado, ela defende a existência da bissexualidade e se autodenomina bissexual, apresentando falas que vão contra o que ela postula como um pensamento de muitos de que a bissexualidade é “só uma fase”, como visto no seguinte pré-indicador:

E eu acho que em relação a bissexualidade eu também acho muito que as pessoas acham que é só uma fase, tem muita gente que fala ‘ah, é só uma fase’.

Seu discurso se constrói de forma a defender a bissexualidade como uma forma de expressão da sexualidade verdadeira e que não é meramente uma fase pela qual o indivíduo está passando, mas sua identidade. Porém, ao mesmo tempo, ela não dá visibilidade à bissexualidade do amigo, traçando um pensamento de que ela pode chamá-lo de gay ao invés de bissexual, uma vez que ele fica com um número maior de homens do que mulheres, retirando assim sua identidade bissexual.

O **segundo núcleo de significação**, nomeado “(...) o quanto que é importante ter lugares em que você se sinta bem e que você é aceito” explora a questão do acolhimento e não acolhimento de Rafaela quanto à sua sexualidade, a depender do espaço e das pessoas com as quais está cercada. Por um lado, a entrevistada tem a sua família como uma instituição que é trazida como não receptiva de sua bissexualidade e, por outro, tem o seu núcleo de amigos, os quais viabilizaram que a bissexualidade de Rafaela fosse vista e compreendida como uma possibilidade e constituem, juntamente com “locais para gays”, como a entrevistada chama, um espaço de acolhimento.

⁴ Nome fictício para garantir anonimato do indivíduo.

Com exceção de seu irmão e sua irmã, o núcleo familiar restante de Rafaela não sabe da sua orientação sexual. Rafaela deixa explícito que seu pai não aceitaria sua bissexualidade, uma vez que enxerga a homossexualidade como doença e, para além disto, considera que a sexualidade somente pode se encontrar em dois polos: heterossexual e homossexual. Em relação a sua mãe, Rafaela apresenta posições inconstantes acerca de uma possível aceitação ou não de sua bissexualidade, bem como sobre contar ou não. Seu discurso traz uma visão de que sua mãe poderia aceitar, porém ela não ficaria feliz. Também é dito que a visão da mãe da entrevistada acerca de relacionamentos não heterossexuais está mudando. Entretanto, Rafaela ainda demonstra receio de conversar sobre isto com sua mãe: “Mas ao mesmo tempo é meio, não sei, eu ainda tenho medo assim de falar e tal.”. Mesmo havendo em sua fala um medo de tocar neste assunto, Rafaela apresenta desejo de abrir-se com sua mãe, como visto em:

(...) eu fico pensando né, várias vezes eu penso: “e se eu contasse para minha mãe, e se eu contasse para minha tia”, o que que ia rolar, o que que eu acho que ia acontecer.

Estabelece-se assim um pensamento confuso acerca do contar ou não para sua mãe. Ao mesmo tempo que Rafaela demonstra possuir uma vontade de poder se abrir com a mãe sobre sua bissexualidade, chegando a dizer que pensa várias vezes sobre o assunto, isto é colocado em suspensão, uma vez que surge o medo de uma possível não aceitação. Quando a entrevistada acaba se referindo ao fato de nunca ter namorado uma menina, ela logo traz uma reflexão pessoal de que isto pode nunca ter ocorrido até o momento presente, uma vez que pensa “é melhor não, como eu vou fazer para apresentar, como eu vou explicar”. Tem-se novamente a figura da família como ponto de referência para quem ela deverá explicações sobre a sua sexualidade, caso venha a namorar com alguma menina.

Este cenário de não aceitação e não acolhimento não se reproduz no seu núcleo de amizade. Os amigos da entrevistada são considerados como um ponto de apoio, tanto para a descoberta da bissexualidade quanto para a aceitação e afirmação desta. Estes amigos foram de fundamental importância para que o processo de reconhecimento de uma certa sexualidade que não condiz com a heterossexualidade tivesse início em Rafaela. Para além disto, como são amigos que pertencem à Comunidade LGBT, também proporcionaram à entrevistada uma abertura para

compreender que uma sexualidade divergente da heterossexual era uma possibilidade.

Mas aí eu já tava no ambiente que era diferente, eu conhecia pessoas gays e já sabia que isto era uma possibilidade ok, tipo, não era uma coisa que é doença, sabe, nada assim.

É interessante notar o uso da palavra “doença” aqui. Este deve ter sido introjetado no vocabulário de Rafaela pela sua inserção na família que possui, que carrega em si uma visão negativa daquilo que não se encaixa na heterossexualidade. Um ambiente diferente do familiar proporcionou a quebra desta visão patologizante que a entrevistada carregava em si e, para além disto, forneceu ferramentas para que Rafaela pudesse se assumir como bissexual.

Para além do núcleo de amizades, Rafaela apresenta os “lugares gays”, forjando ela mesma essa nomeação, como ambientes nos quais ela percebe um acolhimento. Tais espaços que fornecem este acolhimento são vistos como importantes e essenciais no discurso da entrevistada.

Então, eu não acho errado abrir um bar gay, para gays sabe, eu acho que o ideal seria lugares héteros aceitarem gays, mas isso não acontece, né. Então, o quanto é importante você ter um lugar que você é aceito e que mesmo que seja fechado assim...

Sua fala traz uma crítica à forma como os ambientes sociais se organizam em torno da aceitação da orientação sexual daqueles que os frequentam. Há reconhecimento claro de que quando há uma delimitação de, por exemplo, um bar gay, há fechamento no sentido de pessoas LGBT só conviverem com outras pessoas LGBT. Entretanto, tal fechamento é compreendido como algo bom, uma vez que leva a um acolhimento visto como necessário por Rafaela.

Novamente apoiando-se nos seus amigos, Rafaela apresenta um exemplo que condiz com o que ela constrói como crítica aos espaços que ela nomeia de “lugares héteros”:

Então eu acho que esses lugares são muito importantes assim, sabe, eu vejo tipo, sei lá, se eu fosse em uma balada hétero com o meu amigo e ele ficasse com um cara ia ser mega estranho e as pessoas iam olhar torto e tal, e, num lugar gay, se tivesse um casal hétero, ninguém ia ficar olhando e se tiver um casal gay também não.

O discurso crítico se mantém e Rafaela apresenta a lógica dos espaços que frequenta. Em ambientes que a entrevistada nomeia de “lugares hétero” há clara homofobia presente nestes ambientes, revelada em sua fala quando afirma que seria algo “mega estranho e as pessoas iam olhar torto”. Em contrapartida, frequentar espaços designados como “lugares gays” oferece um tipo de acolhimento para aqueles pertencentes à Comunidade LGBT, bem como indiferença para com aqueles que não se inserem nesta comunidade, mas que estão dividindo o mesmo espaço.

O **terceiro núcleo de significação** intitulado “Sempre tem esse negócio, né: ‘aí, gay então é uma coisa mega promíscua, sabe’”, explora a questão do machismo e dos preconceitos e estereótipos existentes acerca da sexualidade não heterossexual. Este núcleo, como um todo se baseia em um discurso crítico apresentado por Rafaela durante a entrevista. A entrevistada demonstra possuir conhecimento em relação à sociedade na qual está inserida, bem como as visões e pensamentos que a permeiam, buscando fazer uma leitura crítica daquilo que a rodeia.

Rafaela entende que há relação entre o machismo e a heteronormatividade, e reconhece que os homens conotam sexualmente o relacionamento romântico entre duas mulheres.

Então sei lá, se eu saio de mão dada com uma menina ou quando você fala “ah, eu namoro uma menina” na balada sempre vai ter um cara que vai falar “beija aí para eu ver”, sabe. E... que meio que utilizam disso assim, sabe... como se fosse para eles, né, então, no caso.

Rafaela aponta o que é tido como a objetificação da mulher para o prazer masculino quando se refere ao fato de os homens terem para si que uma relação estabelecida entre duas mulheres está ali para servir aos seus olhares e para obterem prazer através dela.

Outro ponto trazido com um viés crítico por Rafaela é a questão do preconceito e dos estereótipos formados quanto às sexualidades que vão de encontro com a heterossexualidade. Críticas são traçadas por ela sobre como a bissexualidade e a homossexualidade são compreendidas e vistas, tanto por parte da comunidade LGBT como pela população em geral.

Focando-se na bissexualidade, Rafaela diz achar que muitas pessoas consideram esta orientação sexual como sendo somente uma fase vivenciada pelo indivíduo e, como fase, não deve ser considerada como uma orientação sexual passível de existir. Rafaela entende que a invisibilização da bissexualidade também é própria da Comunidade LGBT.

E tem, eu acho que tem uma questão das próprias meninas lésbicas que também que eu já vi, tipo, várias meninas gays que elas não acham que exista a bissexualidade, que, tipo, é uma modinha; então, as meninas héteros que querem entrar na modinha; então elas beijam umas meninas e aí isso.

Rafaela também apresenta em seu discurso a visão de promiscuidade que é atrelada a qualquer coisa que se estabeleça como gay, trazendo aqui a palavra gay com o sentido de tudo que não se prende à heterossexualidade. Expressa, assim, uma visão estereotipada da vivência não heterossexual como sendo algo promíscuo e que levaria à falta de respeito, uma vez que a entrevistada apresenta a ideia da promiscuidade fazendo logo um contraponto e afirmando que “eu sou muito mais respeitada na balada gay do que numa balada hétero”.

A questão do respeito, ou falta deste, também pode ser vista no seguinte trecho da entrevista:

Eu lembro de uma coisa que me marcou muito, assim...Eu tava no Rio de Janeiro e eu fiquei com uma menina lá e aí a gente tava indo para um bar e eu tava, tipo, fui pegar na mão dela e ela falou “não, melhor não”, tipo, e eu “tá bom, né, nossa, por quê?” E aí ela falou “ah, é porque é meio perigoso.” E aí me bateu um negócio tipo “meu Deus, qual que é a diferença”, sabe, se eu tivesse com meu amigo e eu pegasse na mão dele, beleza, e eu não posso pegar na mão dela; assim, foi meio que um choque, e assim, foi bem pesado.

Tal passagem é carregada de significado para Rafaela, algo que fica claro quando ela afirma que este ocorrido lhe marcou muito e que foi algo recebido como um choque. A realidade da falta de respeito se traduz na possibilidade de uma violência que poderia ter ocorrido pelo fato de duas mulheres estarem andando na rua de mãos dadas. Isto é verificado na fala da outra menina de que andar desta forma seria perigoso, uma vez que poderia gerar uma violência alimentada pela falta de respeito e preconceito encontrada na homofobia. Rafaela reconhece que não deveria haver nenhum tipo de distinção entre ela andar de mãos dadas com outra

mulher ou com um homem, fazendo assim uma crítica a este preconceito existente para com aquilo que não se estabelece de forma a cumprir com a heterossexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho não intenta produzir generalizações sobre as análises e discussões apresentadas anteriormente, uma vez que a constituição da identidade de um sujeito se dá pela articulação dele com o social que o rodeia e, portanto, tal consolidação se dá de maneiras diferentes para cada indivíduo. Assim, não é possível, e nem desejado, se traçar uma generalização acerca da constituição da identidade sexual de mulheres por meio do que foi extraído a partir dos discursos de Sofia e Rafaela, visto que cada uma possui uma história de vida e uma constituição desta identidade própria. Também não seria válido tentar realizar uma ampliação das experiências trazidas pelas entrevistadas para outras mulheres lésbicas e bissexuais, dado que o que se objetivou verificar e compreender foi o fenômeno que está sendo estudado sob a perspectiva das próprias mulheres participantes.

Contudo, não é proibido identificar e ressaltar certas similaridades trazidas nos discursos de ambas as entrevistadas, sempre com a clareza de que são diferentes indivíduos com histórias de vida particulares.

Antes da apresentação das semelhanças identificadas nos discursos das duas participantes é importante retomar o objetivo do presente trabalho: compreender os impactos da heteronormatividade na formação da identidade sexual de mulheres lésbicas e bissexuais.

De maneira geral, foi possível perceber que ambas as entrevistadas possuíam total compreensão acerca do que lhes estava sendo proposto e perguntado a partir da pergunta motivadora. Esta trazia a questão sobre o viver em uma sociedade heteronormativa e, para ser respondida e contemplada, era necessário haver algum entendimento sobre o termo “sociedade heteronormativa”. O fato de Sofia e Rafaela estarem inseridas no meio universitário pode ter favorecido esta compreensão, o que também se colocava quase como um requisito para que ambas pudessem participar de uma entrevista que contemplava a questão da heteronormatividade. Ambas as entrevistadas compreendem que a heteronormatividade e a heterossexualidade compulsória possuem relações com outras questões presentes em nossa sociedade, enfatizando, por exemplo, o machismo fortemente encontrado, trazendo-o com um tom de crítica ao que se é vivido.

As participantes também compartilham o fato de terem passado por um momento no qual o gostar de mulheres não era visto como uma possibilidade para outro no qual isto passou a ser considerado. É possível observar que na história de ambas inicialmente houve grande ênfase quanto a não possibilidade do gostar de mulheres, sendo que isto passou a se tornar a realidade à medida que elas foram sendo inseridas em determinados lugares e rodeadas de certas pessoas. Tal convívio social pode então ser compreendido como essencial para que as identidades sexuais de Sofia e Rafaela pudessem começar a serem descobertas e identificadas, especialmente em virtude de terem sido encontradas redes de apoio que se mostraram de suma importância para que o gostar de mulheres passasse a ser uma possibilidade. Aí já se encontra uma marca da heteronormatividade, a qual é imposta a todos desde o nascimento, ou até mesmo antes deste (BENTO, 2006). Tem-se como esperado que a relação afetivo-sexual sempre será dada entre uma mulher e um homem e isto é transmitido sistematicamente desde o nascimento, o que poderia explicar uma visão de não possibilidade existente entre as duas participantes para algo que romperia com este padrão. À medida que elas passam a se relacionar com indivíduos que possuem outras visões de possibilidades de relacionamentos, e que eventualmente já vivem relacionamentos fora do padrão heteronormativo, o relacionar-se com e o gostar de mulheres começam a se tornar possibilidades para ambas.

Outro elemento comum entre Sofia e Rafaela é o fato delas considerarem que não sofreram muito por conta de suas orientações sexuais. Sofia relata que se sente até privilegiada nesta questão, ponderando que teve aceitação entre a família e os amigos. Já Rafaela cita seus amigos como grande ponto de apoio e aceitação, além de sua realidade de ainda não ter namorado nenhuma outra mulher e, assim, considera que isto a salva de certo sofrimento à medida que uma conversa acerca de sua sexualidade ainda não teve de surgir com sua mãe. Uma experiência de plena aceitação, infelizmente, não é a realidade de muitas pessoas LGBT e isto marca outro ponto da heteronormatividade. Quando o indivíduo não se encaixa no que é esperado, há discriminação advinda da não aceitação daquilo que foge do que é tido como “norma”. Estendendo um pouco mais esta reflexão, é possível pensar que o simples fato de se ter de “sair do armário” se relaciona com a heteronormatividade. As incertezas e o medo trazidos pelas participantes em torno deste processo acabam

por exemplificar o impacto ocorrido quando são pré-estabelecidas expectativas em torno de um relacionamento que deve ser cumprido entre uma mulher e um homem. E, quando isto não é encontrado, é muitas vezes necessário que se tenha todo um movimento de “sair do armário” para que finalmente o indivíduo torne público que sua identidade sexual não é a de uma pessoa heterossexual.

É possível estabelecer uma relação entre o fato de Sofia e Rafaela não vislumbrarem o gostar de mulheres como uma possibilidade com a homofobia internalizada, a qual também possui influências da heteronormatividade. A homofobia internalizada está relacionada com uma autoimagem empobrecida no que diz respeito à identidade sexual, sendo que isto se instaura quando a sociedade na qual estamos inseridos postula qual é o “padrão” de relacionamento a ser seguido. Novamente, ao se distanciar daquilo que é tido como “norma”, o indivíduo que não é heterossexual pode se ver preso em um mecanismo no qual a visão de sua própria orientação sexual é cercada de vergonha, pelo fato de ter interiorizado valores negativos emitidos pela sociedade em relação às orientações sexuais não heterossexuais (PEREIRA e LEAL, 2002).

Algumas questões foram aqui elucidadas em relação às marcas e impactos da heteronormatividade e heterossexualidade compulsória. Tais questões foram abordadas visto que este era o objetivo do presente trabalho, verificando que explicita ou implicitamente as mulheres entrevistadas ressaltaram em seus discursos tais marcas e, de certo modo, fizeram um movimento próprio de encontrarem algumas relações do que trouxeram das suas histórias de vida com estes dois fenômenos. Claramente os impactos da heteronormatividade não se encerram no que foi apontado por Sofia e Rafaela em suas entrevistas, dado que cada uma possui uma trajetória de vida particular e, assim, seus discursos acerca daquilo que vivem ou viveram pessoalmente são reflexos destas trajetórias. Contudo, dar voz a estas mulheres se torna um artefato rico para que questões como estas sejam narradas e discutidas pelos próprios indivíduos que enfrentam a heteronormatividade em suas vidas, podendo-se assim ter uma melhor apropriação daquilo que está sendo proposto e analisado, bem como uma compreensão ampliada destas diferentes experiências, algo que sem dúvida pode contribuir para o combate a todas as formas de preconceito e violências sofridas por indivíduos da comunidade LGBT.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n.14, p.79-95, set. 2003. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/30223/pdf>>. Acesso em: 02. jun. 2017.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. A pesquisa em Psicologia Sócio-Histórica: contribuições para o debate metodológico. In: BOCK, Ana M. Bahia, GONÇALVES, Maria da Graça Marchina, FURTADO, Odair (orgs.) *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 129-140.
- AGUIAR, Wanda; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Bras. Brasília*, v.94, n.236, p. 299-322, jan/abril. 2013.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos* (1949). 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2016.
- BENTO, Berenice. Corpos e próteses: dos limites discursivos do dimorfismo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO: GÊNERO E PRECONCEITOS, 7, 2006, Florianópolis. Anais. Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/30829998-Corpos-e-proteses-dos-limites-discursivos-do-dimorfismo.htmlr>>. Acesso em: 17. mai. 2017.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais*. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro : CEPESC; Brasília : SPM, 2009. Disponível em: <http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf>. Acesso em: 04. jun. 2017.
- BRICKELL, Chris. Social Construction of Gender and Sexuality. *The Sociological Review*, Oxford, v. 54, p. 87-113, fev. 2006.

- CIAMPA, Antonio da Costa. *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.
- DA SILVA, Cristiane Golçalves. Semana 3 - Orientação sexual, identidades sexuais e identidade de gênero. Unidade 1 - Sexualidade: Dimensão conceitual, diversidade e discriminação. Universidade Federal de São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.unifesp.br/handle/11600/39169>>. Acesso em: 30. abr. 2017.
- ESTECA, Fabiana Mara. *Impactos da heteronormatividade sobre a conjugalidade lésbica: uma análise psicanalítica a partir do relato de mulheres separadas*. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-16082016-104310/>>. Acesso em: 11. mar. 2017.
- GALVÃO, Loren; DÍAZ, Juan (Org.). *Saúde Sexual e Reprodutiva no Brasil: dilemas e desafios*. São Paulo: Hucitec; Population Council, 1999.
- GARCIA, Carla Cristina. *Breve História do Feminismo*. São Paulo: Claridade, 2015.
- GOFFMAN, Erving. Estigma e Identidade Social. In: *Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988. p. 11-28.
- GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. *Rev. katálysis*, Florianópolis, v.10, n. spe, p. 83-92, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15. set. 2017.
- HABERMAS, Jürgen. Identidade. In: *Para a reconstrução do materialismo histórico*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1976. p. 47-107.
- JACQUES, Maria da Graça. Identidade. In: *Psicologia Social Contemporânea: livro texto*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 159-167.

- JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos*. Brasília: Autor, 2012. 24p. Disponível em: <[https://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta es popula o trans](https://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta_es_popula_o_trans)>. Acesso em: 03. jun. 2017.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. O conceito de heterocentrismo: um conjunto de crenças enviesadas e sua permanência. *Psico-USF*, Itatiba, v.18, n.3, p.363-372, Dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712013000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11. mar. 2017.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In _____. (Ed.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (2ª ed.). Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*, Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- MOITA, Maria da Conceição. Percursos de Formação e de Trans-Formação. In: NÓVOA, Antonio (org.). *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora, 1995.
- MONTEIRO, Luciana Fogaça. *Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo nas trajetórias de vida de mulheres*. 2009. 122p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/17831>>. Acesso em: 28. mar. 2017.
- NASCIMENTO, Márcio Alessandro Neman do. *Homofobia e homofobia interiorizada: produções subjetivas de controle heteronormativo?* Athenea Digital, n.17, p.227-239, mar. 2010.
- PEREIRA, Henrique; LEAL, Isabel. A homofobia internalizada e os comportamentos para a saúde numa amostra de homens homossexuais. *Análise Psicológica*, Lisboa, v.20, n.1, p.107-113, jan. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312002000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19. mar. 2018.

- PISCITELLI, Adriana. *Gênero: a história de um conceito*. In: ALMEIDA, Heloísa Buarque de; SZWAKO, José (orgs.). *Diferenças, Igualdades*. São Paulo: Berlendis e Vertecchia. 2009. p.118-146.
- RICH, Adrienne. *Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence*. In: GELP, Barbara C. & GELP, Albert. *Adrienne Rich's Poetry and Prose*. New York/London: W.W. Norton & Company, 1993.
- RUBIN, Gayle. *The Traffic in Women. Notes on the "Political Economy" of Sex*. In: REITER, Rayna (ed.) *Toward an Anthropology of Women*. New York, Monthly Review Press, 1975.
- SABAT, Ruth Francini Ramos. *Filmes infantis e a produção performativa da heterossexualidade*. 2003. 185p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/3757>>. Acesso em: 28. mar. 2017.
- SALA, Arianna; BENÍTEZ, Manuel Luis De la Mata. The narrative construction of Lesbian identity: A study using Bruner's self-indicators. *Culture & Psychology*, v. 23, p. 108-127, mai. 2016. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com.ez95.periodicos.capes.gov.br/doi/pdf/10.1177/1354067X16650831>>. Acesso em: 7. mar. 2017.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v.20, n.2, p.71-99, Jul./Dez. 1995. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 18. out. 2017.
- SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. Paradoxos da Identidade, In: *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009. p. 17-36.
- TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva; RONDINI, Carina Alexandra. Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hétero e homoeróticas. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v.21, n.3, p.651-667, Set. 2012. Disponível em:

- <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902012000300011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28. mar. 2017.
- TELLES, João A. *A trajetória narrativa: história sobre a formação do professor de línguas e sua prática pedagógica*. Trab. Ling. Aplic., Campinas-SP, jul./dez., 1999.
- TOLEDO, Livia Gonsalves. *Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista*. 2008. 234p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/97601/toledo_lg_me_assis.pdf?sequence=1>. Acesso em: 11. mar. 2017.
- TOLEDO, Livia Gonsalves; FILHO, Fernando Silva Teixeira. Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v.10, n.3, p.729-749, dez. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812010000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11. mar. 2017.
- VIANNA, Cláudia Pereira et al. 1996. *O uso analítico do gênero: balanço de estudos contemporâneos*. São Paulo, mimeo.
- VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. *DELTA*, São Paulo, v. 21, n. especial, p. 207-238, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000300012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11. mar. 2017.
- WITTIG, Monique. *The Straight Mind and Other Essays*. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf. 1992.
- XAVIER FILHA, Constantina. Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância. *Educar em Revista*, Curitiba, n.especial-1, p.153-169, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602014000500011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24. mar. 2017.

APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados pessoais

Nome

Idade

Profissão

Grau de escolarização

Orientação sexual

Pergunta motivadora

Como a questão de viver em uma sociedade heteronormativa tem se refletido em sua vida?

APÊNDICE B: INDICADORES E NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO – SOFIA

A) O ambiente universitário ambivalente

1. “essa questão de heteronormatividade eu acho que eu comecei a perceber mais na faculdade (...)”
2. “(...) porque assim, minha faculdade tem pouquíssima lésbicas, eu acho que tem muito pouca aqui e ai de princípio eu ficava meio... sabe quando você se sente meio deslocada, só que ao mesmo tempo você vê que todo mundo não tá nem aí pra isso?”
3. “Ai eu acho que isso da heteronormatividade pra mim foi mais uma questão de me sentir não pertencente a um lugar [universidade], do que necessariamente eu tive que seguir, entende?”
15. “É, total assim, mas eu também não me senti muito acolhida na minha universidade, (...) já vi muitas pessoas olhando torto assim, então não foi uma coisa acolhedora pra mim.”
27. “Ai depois eu entrei na universidade e ai eu percebi que era um lugar, por mais que eu não tenha tido uma acolhida, mas era um lugar mais ou menos okay para eu viver assim.”

B) A falta de atenção dada pelo Coletivo LGBT universitário

45. “(...) eu acho que minha universidade tem o coletivo LGBT, só que eu acho que não tem um suporte para lésbica em si. Obviamente que não tem que ser uma questão segregacionista, tipo cada parte no seu grupo, mas eu acho que é uma questão muito delicada sabe?”
48. “Então, eu acho que existe uma questão muito importante, de uma negligência muito importante da parte do coletivo LGBT em relação às lésbicas em si.”
53. “Então... talvez seja por isso que eu tenha um grande receio de participar do coletivo LGBT, não é uma coisa que eu queira militar porque eu não me sinto segura. Eu não me sinto segura *at all* assim, tipo, me dá um medinho.”
54. “(...) eu acho que falta muito suporte para as lésbicas, falta demais assim, porque a gente acaba criando uma rede de apoio, porque tem poucas lésbicas na minha

universidade, então eu acho que todas que tem se conhecem (risos), “oi, vamos se ajudar?”, porque rola um medo.”

69. “[participar do coletivo LGBT da universidade] é uma coisa que eu tenho que melhorar, mas eu acho que eu ficaria... eu acho que eu tentaria uma questão mais com as mulheres lésbicas do que realmente com o coletivo LGBT, porque eu acho que necessita mais.”

C) Relacionamentos com meninos: tentativas de se encaixar

4. “Acho que também teve a questão da heteronormatividade quando eu era adolescente, aí eu namorei um menino, durou muito, durou dois meses, porque claramente eu gosto, né? (risos).”

5. “(...) eu não queria vê-lo, era um namorado que eu não queria vê-lo.”

6. “Eu percebi, hoje em terapia eu percebo que eu tentei de alguma maneira me encaixar, sabe, eu tentei me encaixar, tentar namorar algum menino (...), só que ao mesmo tempo eu não gostava de ficar com ele.”

20. “Ai eu conheci esse menino que eu namorei dois meses, que foi tipo... era chato e gente, zero, muito esquisito.”

32. “Era muito comum eu ficar com algum menino e depois vomitar, ou depois ficar tipo, sabe assim.”

D) Negação e não possibilidade de ser lésbica

7. “(...) eu nem cogitava a ideia de ser lésbica (...)”

22. “(...) quando eu entrei no banheiro tinham duas meninas se agarrando e isso pra mim não era uma realidade, não era nem uma opção, eu nem pensava.”

24. “Eu fiquei em negação, sem zueira, acho que por uns quatro anos, três anos. Acho que foi o meu ensino médio inteiro.”

25. “Ai eu fiquei na pura negação por muitos anos, mas não era uma negação do tipo “Sofia, você é” e eu falava não. Era tipo, não era uma possibilidade (...)”

28. “(...) eu não tinha uma possibilidade (...)”

29. “Eu tava assim, numa coisa que não era uma possibilidade, não me fala sobre, não tem nada a ver.”

30. “E dá pra perceber que esse sofrimento de negação, era uma coisa que eu não falava sobre, mas de alguma maneira eu vivia o sofrimento (...)”

31. “Mas hoje eu consigo entender que grande parte desse sofrimento é porque eu tava muito em negação, mas era uma coisa que assim, não era nem possibilidade. E eu acho muito que a partir do momento que você nega uma possibilidade você fica estreito e é sofrimento assim. E eu negava, eu negava, eu negava...”

58. “A partir do momento que você enxerga outra possibilidade, você fica tipo, “Ah! Tem isso, né?”. Porque você fica numa bolha (...)”

59. “Então, eu acho que, a hora que você percebe que você tem outra possibilidade, você percebe o efeito, a força que tem a heterossexualidade compulsória.”

61. “Então eu acho que ela [heterossexualidade compulsória] é uma coisa tão enraizada em você que se torna você mesmo, isso reflete na sua vida. Refletiu que eu fiquei anos numa... não era nem negação, era uma inércia, eu tava indo tipo indo com o negócio (...)”

E) O assédio que leva ao medo e o medo de ser assediada

9. [sobre a ex-namorada] “(...) ela era um pouco mais masculinizada, mais de vestir roupa masculina, então a gente saia na rua e era tipo, muito esquisito assim, tipo, assediavam mais ela, ou senão falavam mais besteira pra ela, ou falavam que eu era a mulher do casal, era uma coisa bem desconfortável assim.”

10. “(...) chegou um cara e meio que tipo, começou a assediar muito a gente (...) sabe quando você treme de medo? Aconteceu isso, eu tremia de medo (...)”

11. “porque eu acredito que o assédio vem da heteronormatividade, achar que uma pessoa que se veste com roupa masculina tem que ser homem, tipo, não faz muito sentido.”

13. “ultimamente eu tenho ficado mais com medo de rebater [o assédio] porque eu sou muito encrenqueira na real e tipo, homem assedia e etc... Daí, digamos que alguns já correram atrás de mim para me bater, então eu fico com medo.”

14. “(...) não é tão difícil de entender, duas mulheres, olha? Vamos parar?”

42. “Por exemplo, eu realmente não sei se eu tenho coragem de ir para um motel, sabia? Eu tenho medo do que possa acontecer. Não sei, eu fico bem resguardada assim.”

55. “Acho que aí que tá o processo de aceitação, você conviver com esse medinho (...). Então eu acho que a aceitação é mais em questão de lidar com o medo (...).”

F) Violência lésbica e negligência das lésbicas por parte do movimento LGBT

46. “(...) tem muita violência com os LGBTs, só que a violência lésbica eu acho pesada.”

47. (...) a questão de proteção sexual, sabe, tipo, não tem. Tem tipo papel filme, real, ou senão o negócio do dentista que eu esqueci o nome.”

49. “Porque eu acho que precisa de uma atenção maior, sabe, a saúde da mulher lésbica também é uma coisa bem delicada”

50. “Eu acho que é importante a força LGBT como um todo que né, é uma rede de apoio importantíssima, só que eu acho que existe uma negligência, eu acho que o movimento LGBT negligencia muito as lésbicas.”

51. “Eu me irrita, porque fica uma coisa muito, sabe, caricata, tipo... uma vez eu vi um cartaz que era tipo “respeita as bi, respeita as trans e ai tipo, respeita as sapatão” e eu fiquei tipo, “sério que você usou o nome mais caricato possível quando todo mundo era a nomenclatura certa””

52. “Porque uma vez um homem gay me agrediu (...) e ai por algum motivo x (...) ele me levantou pelo pescoço e disse “você não é homem? Então me encara.”

G) A não existência de um “homem da relação”

12. “E tem uma necessidade das pessoas quando veem um casal de duas meninas de perguntar quem é o homem da relação que ah, cacete, a ideia é que não tenha homem.”

43. “Então por isso eu fico irritada, por exemplo, quando eu fico com alguma menina e falam que ela é o homem da relação, sabe, eu tenho vontade de dar um soco, a ideia é a de que não tenha homem na minha vida.”

52. “Porque uma vez um homem gay me agrediu (...) e ai por algum motivo x (...) ele me levantou pelo pescoço e disse “você não é homem? Então me encara.”

H) Processos de aceitação: os outros e si mesma

8. “E aí foi assim, acho que a heteronormatividade não me pegou tanto diretamente (...)”

16. “a questão da sexualidade pra mim nunca foi um problema exatamente, tipo, nunca foi muito foco de terapia, ou uma coisa que suscitou muita coisa em mim, sabe? (...) então pra mim foi uma, é uma questão muito tranquila, então tipo, normalmente não é uma coisa que suscita (...)”

17. “Porque tipo, a minha família apoiou de boa.”

18. [Você diz tranquilo em relação aos outros, e em relação com você mesma, como que foi isso?] “Comigo, eita... comigo foi mais tenso.”

19. “Mas em relação a tipo, a mim [aceitação própria] (...) foi tipo... na adolescência eu era muito quieta e eu não me interessava por ninguém. Eu estava no meu mundo, vivendo minha vida aqui, tô de boa.”

26. “Divisor de águas: Sofia antes, Sofia depois.”

33. “(...) daí eu percebi que era um coisa minha desde pequena. Minha mãe falou que quando eu tinha três anos eu falava “ah, mas eu vou casar com a minha amiga” (...)”

34. “(...) eu nunca senti pressão da minha família para eu namorar algum homem”

35. “E assim, a heteronormatividade não foi uma coisa muito presente assim que eu tenha visto na minha vida. Eu acho que eu mais me forcei do que alguém me forçou, entende? Foi uma coisa mais minha do que do próximo. Eu fui bem privilegiada nessa questão assim.”

41. “Porque eu acho que a aceitação, na real, é um processo, eu não acho que você está 100% aceita nunca.”

55. “Acho que aí que tá o processo de aceitação, você conviver com esse medinho (...). Então eu acho que a aceitação é mais em questão de lidar com o medo (...).”

60. “Acho que se eu não tivesse nesse colégio que só tinha meninas lésbicas, eu não sei se eu teria caído a ficha (...).”

64. "(...) eu acho que lidar com ela [heterossexualidade compulsória] é um processo, assim como a aceitação, elas andam juntas. Você tem que lidar, lidar, apreender, ter muita resiliência, assim, porque não é fácil (...).

68. "Então eu acho que o meu depoimento é mais uma questão, é um depoimento de uma pessoa que até foi privilegiada nessa questão, tipo, aceitação de família, de escola, etc. Então é mais uma... por mais que eu tenha sofrido essas coisas, eu ainda estou em uma zona de conforto."

I) Papel da ex-namorada: um *start* do processo de aceitação

37. "Eu acho que eu me assumi 100% quando eu comecei a namorar, daí foi uma coisa, tipo, 100% (...) Então, eu acho que a partir do momento que eu comecei a namorar, eu comecei a me sentir muito mais, tipo, eu fiquei mais de boa comigo, entende?"

38. "(...) deu para perceber que existia uma rede de apoio [família e namorada] ali e tava tudo bem, então eu consegui me aceitar."

39. "Agora, eu tipo, de boa, eu falo ex-namorada, eu falo tranquilamente. Mas antes dela, eu ficava mais receosa assim (...)."

40. "Eu acho que ela [ex-namorada] deu um *start* assim."

J) Compreensão da heterossexualidade compulsória e heteronormatividade

3. "Ai eu acho que isso da heteronormatividade pra mim foi mais uma questão de me sentir não pertencente a um lugar [universidade], do que necessariamente eu tive que seguir, entende?"

6. "Eu percebi, hoje em terapia eu percebo que eu tentei de alguma maneira me encaixar, sabe, eu tentei me encaixar, tentar namorar algum menino (...), só que ao mesmo tempo eu não gostava de ficar com ele."

35. "E assim, a heteronormatividade não foi uma coisa muito presente assim que eu tenha visto na minha vida. Eu acho que eu mais me forcei do que alguém me forçou, entende? Foi uma coisa mais minha do que do próximo. Eu fui bem privilegiada nessa questão assim."

56. "Eu acho que a heterossexualidade afeta desde o nascimento, né porque é uma coisa muito estrutural a heterossexualidade compulsória."

57. “Então eu acho que é uma coisa [heterossexualidade compulsória] que não tem como a gente escapar (...). Vou namorar, porque eu sou uma menina então eu vou namorar um menino.”

59. “Então, eu acho que, a hora que você percebe que você tem outra possibilidade, você percebe o efeito, a força que tem a heterossexualidade compulsória.”

61. “Então eu acho que ela [heterossexualidade compulsória] é uma coisa tão enraizada em você que se torna você mesmo, isso reflete na sua vida. Refletiu que eu fiquei anos numa... não era nem negação, era uma inércia, eu tava indo tipo indo com o negócio (...).”

62. “Então eu acho que ela [heterossexualidade compulsória] é uma questão que você convive com ela e nem sabe, você não tem a consciência, você precisa daquele *start* pra você falar “nossa, talvez eu não seja hétero, talvez eu não pertença a isso”.”

63. “E eu acho que essa questão da heterossexualidade compulsória é bom para a gente pensar todas as ramificações dela, que são o machismo, a misoginia, a misandria que também tem, todas as questões que surgem disso, que a partir do momento que você não namora a pessoa do sexo oposto alguma coisa de errado tem em você, né.”

64. “(...) eu acho que lidar com ela [heterossexualidade compulsória] é um processo, assim como a aceitação, elas andam juntas. Você tem que lidar, lidar, apreender, ter muita resiliência, assim, porque não é fácil (...).

K) Ser lésbica

36. “Porque a partir do momento que você convive comigo fica muito na cara, então.”

44. “Ah, tem um negócio que falam “passabilidade hétero” né (...) Para mim foi uma novidade, contaram e eu fiquei “Que? Isso existe?”. Não sei, dizem que eu tenho passabilidade hétero, não sei, eu acho que não. Quando eu abro a boca as pessoas percebem.”

65. “e eu acho que aí que tá a parte de, a delicadeza da, para mim, de ser lésbica, é você lidar com o preconceito da sua orientação sexual e lidar com muita misoginia e muito machismo.”

66. “(...) porque você tá namorando uma pessoa, namorando o sexo que a sociedade reprime.”

67. “E também é muito comum em um relacionamento lésbico ter muito comportamento machista que acaba reproduzindo.”

L) Época da escola como divisor de águas

21. “Eu estudava numa escola (...) aquela escola é a concentração de maior sapatão por metro quadrado que existe.”

22. “(...) quando eu entrei no banheiro tinham duas meninas se agarrando e isso pra mim não era uma realidade, não era nem uma opção, eu nem pensava.”

23. “E elas [meninas da escola] cantando Sapabonde e eu assim “hum... interessante né, pessoas assumidas, que legal”

26. “Divisor de águas: Sofia antes, Sofia depois.”

Indicadores	Núcleos de Significação
<p>A) O ambiente universitário ambivalente B) A falta de atenção dada pelo Coletivo LGBT universitário</p>	<p>1) “Ai depois eu entrei na universidade e aí eu percebi que era um lugar, por mais que eu não tenha tido uma acolhida, mas era um lugar mais ou menos okay para eu viver assim.”</p>
<p>C) Relacionamentos com meninos: tentativas de se encaixar D) Negação e não possibilidade de ser lésbica J) Compreensão da heterossexualidade compulsória e heteronormatividade</p>	<p>2) “Ai eu fiquei na pura negação por muitos anos (...), não era uma possibilidade.”</p>
<p>E) O assédio que leva ao medo e o medo de ser assediada F) Violência lésbica e negligência das lésbicas por parte do movimento LGBT G) A não existência de um “homem da relação”</p>	<p>3) “Chegou um cara e meio que tipo, começou a assediar muito a gente (...) sabe quando você treme de medo? Aconteceu isso, eu tremia de medo.”</p>
<p>H) Processos de aceitação: os outros e si mesma I) Papel da ex-namorada: um <i>start</i> do processo de aceitação K) Ser lésbica L) Época da escola como divisor de águas J) Compreensão da heterossexualidade compulsória e heteronormatividade</p>	<p>4) “Divisor de águas: Sofia antes, Sofia depois.”</p>

APÊNDICE C: INDICADORES E NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO – RAFAELA

A) A sexualidade como uma não possibilidade

1. “Eu acho que eu nunca senti, tipo, gostar de mulher, ter o fato de gostar de mulher e tal, como uma possibilidade para mim. Nunca tinha sido uma possibilidade.”
3. “E aí foi meio tipo “mano, tá errado”, sabe, “acho que não é isso, não pode ser isto” e tal.”
4. “(...) e eu nunca pensei que fosse uma possibilidade.”
22. “(...) muito tempo foi que não era uma possibilidade mesmo assim tipo, ‘ah, isso tá errado’.”
23. “E eu acho que envolve também uma questão de sexualidade geral porque em casa era uma coisa muito... tipo, era um tabu, mega errado.”
24. “(...) quando eu era mais nova e eu sentia alguma coisa ou alguma coisa assim eu ficava ‘tá errado e tal’.”
25. “(...) tava passando um filme com duas meninas assim e eu falei ‘mano, eu tô errada ao cubo’, né, já seria alguma coisa errada de ter a minha sexualidade e tal e ainda mais ser duas mulheres, sabe.”
26. “E eu acho que foi meio tapado durante muito tempo (...).”

B) Apoio e abertura na figura dos amigos

5. [em relação aos amigos homens se descobrirem gays na época da escola] “tipo foi meio ‘meu Deus, o que que é isso?’”
6. “(...) aí eu entrei no mundo diferente né, com a possibilidade de poder gostar de outras coisas e tal.”
27. “(...) e depois eles [amigos da escola] foram se descobrindo, foi um negócio bem, tipo eu vi bem de perto assim.”
36. “Mas aí eu já tava no ambiente que era diferente, eu conhecia pessoas gays e já sabia que isto era uma possibilidade ok, tipo, não era uma coisa que é doença, sabe, nada assim.”
37. “Então, para eles [três amigos da escola] eu acho que foi um processo bem difícil assim...”

38. “(...) sempre tipo nesse grupo assim sabe, dessas pessoas que tem esse pensamento mais aberto.”

C) A ambiguidade do viver a sexualidade

2. “eu percebia que eu sentia alguma coisa né, sei lá, não sei o que...”

7. “Mas até então era meio... ‘ah não sei se é isso, não sei se gosto disto nem nada’.”

8. “E eu nunca tinha sentido atração, tipo, uma menina, pessoalmente, assim nunca tinha sentido atração mesmo.”

9. “(...) e eu falava “não, se um dia eu sentir vontade [de ficar com uma mulher] eu fico e tal.”

10. “(...) aí tinha uma menina lá e eu percebi que eu não conseguia parar de olhar para ela assim, e aí eu falava ‘meu, tipo se controla’ e quando eu via, eu tava olhando para ela de novo e aí eu saí de lá meio ‘meu Deus, e agora o que eu faço com isso?’”

12. “E aí quando eu terminei o namoro, eu acho que isso voltou um pouco e aí eu fiquei com algumas meninas (...).”

28. “(...) e aí que começou tipo, não é tão estranho assim sabe, mas ainda ficou tipo ‘ah tá, se um dia eu quiser’, mas uma coisa meio distante assim.”

29. “Aí acho que veio um *turning point* assim que foi quando eu conheci essa menina, o nome dela é Luiza.”

30. “(...) eu não tive coragem de ficar com ela e não sei foi meio estranho assim era meio “eu quero. Mas será?’.”

32. “(...) eu percebi que eu não conseguia parar de olhar para ela e aí eu falei ‘meu Deus, ela é maravilhosa, tô sentindo alguma coisa, que estranho, que que é isto?’ que acho que foi meio um *turning point* assim (...).”

33. “(...) e aí meio que eu fui aceitando, mas foi uma coisa que eu não pensei durante muito tempo, eu fiquei ‘ah, não é nada isso’.”

34. “E aí nesse dia foi um meio que ‘nossa, acho que talvez seja isso’.”

35. “(...), eu acho que foi este momento, foi tipo um tempão sem pensar nisto aí aconteceu meio que tudo de uma vez sabe, eu fiquei afim dela, eu fiquei ‘meu Deus, o que que é isso?’”

D) Os rastros da homofobia internalizada

3. “E aí foi meio tipo “mano, tá errado”, sabe, “acho que não é isso, não pode ser isto” e tal.”

7. “Mas até então era meio... ‘ah não sei se é isso, não sei se gosto disto nem nada’.”

11. “(...), mas eu logo comecei a namorar um menino e tal e aí meio que abafou essa história [primeiro interesse por uma mulher].”

24. “(...) quando eu era mais nova e eu sentia alguma coisa ou alguma coisa assim eu ficava ‘tá errado e tal’.”

30. “(...) eu não tive coragem de ficar com ela e não sei foi meio estranho assim era meio “eu quero. Mas será?”.

31. “(...) eu meio que, sei lá, tinha esquecido dessa história [de querer ficar com mulheres] e tals (...).”

33. “(...) e aí meio que eu fui aceitando, mas foi uma coisa que eu não pensei durante muito tempo, eu fiquei ‘ah, não é nada isso’.”

39. “E eu acho que em relação a bissexualidade eu também acho muito que as pessoas acham que é só uma fase, tem muita gente que fala ‘ah, é só uma fase’.”

43. “E aí eu acho que eu não sei se a gente tipo, sei lá, se uma pessoa bi, tipo, sofre... é que eu não sei se adianta comparar sofrimentos, mas sofre menos ou mais assim. Eu acho que sofre menos, não sei porque assim, porque você meio que tem uma saída sabe (risos), então você pode tipo... você também gosta de homens então é mais ok.”

53. “O Bernardo é bi também, só que ele fica muito mais com homem do que mulher e aí eu falo gay, mas ele é bi também.”

E) O machismo que recai sobre a sexualidade da mulher

20. “E eu acho que tem coisas também tipo que tem a ver com essa heteronormatividade, tem a ver com o machismo também, que é tipo meio que a sexualização de duas mulheres assim né no caso.”

21. “(...) se eu saio de mão dada com uma menina ou quando você fala ‘ah, eu namoro uma menina’ na balada sempre vai ter um cara que vai falar ‘beija aí para eu ver’

sabe. E... que meio que utilizam disso assim sabe... como se fosse para eles né, então no caso.”

60. “(...) e acho que essas questões vêm todas juntas né, não tem como você falar de... você tá falando de questões tipo de homofobia tem muito a ver com o machismo que tem... sabe vai misturando assim, essas coisas assim.”

F) O não acolhimento do grupo familiar

14. “É eu acho que tem... que tem algumas coisas que... estão implicadas assim no meio disso [viver em uma sociedade heteronormativa] por exemplo meus pais não sabem né...”

15. “eu já pensei várias vezes em contar porque teve uma época que eu quase namorei com uma menina e tal (...).”

16. “(...), mas meu pai não aceita, tipo, ele já falou que não aceitaria nem nada (...).”

17. “(...) eu acho que meu pai tem mega preconceito com gay e tal e ele não ver por exemplo bissexual como sendo uma possibilidade, para ele ou a pessoa é gay ou é hétero sabe.”

18. “(...) e enfim ele [pai] já falou que não aceitaria e tal meu pai é mega conservador assim.”

19. “Minha mãe ela eu acho que tipo ela aceitaria, mas eu não acho que ela iria ficar muito feliz, porquê ah não sei porque também é meio difícil assim.”

23. “E eu acho que envolve também uma questão de sexualidade geral porque em casa era uma coisa muito... tipo, era um tabu, mega errado.”

41. “(...), mas não sei se tipo se isso [namorar uma menina] nunca aconteceu por causa disso também, de eu ficar pensando ‘é melhor não, como eu vou fazer para apresentar, como eu vou explicar’.”

42. “(...) meus irmãos sabem né e aí... minha irmã acha meio estranho, hoje ela é mais ok, mas ela acha meio assim...”

46. “(...) meu pai acha que é uma doença por exemplo sabe. Minha mãe já teve épocas e épocas, mas assim hoje é mais de boa.”

47. “(...) eu fico pensando né, várias vezes eu penso: ‘e se eu contasse para minha mãe, e se eu contasse para minha tia’, o que que ia rolar, o que que eu acho que ia acontecer.”

50. “(...) e sempre era uma coisa ‘lá vem a Rafaela com o assunto dos oprimidos, e tipo puta que saco essa menina’.”

51. “(...) eu tipo já nem compro muita briga em casa porque eu já comprei muita briga né e agora eu estou no foda-se você pode pensar o que você quiser.”

52. “(...) então tipo como tá mudando [visão da mãe e irmã acerca de uma sexualidade não heterossexual]. Mas ao mesmo tempo é meio, não sei, eu ainda tenho medo assim de falar e tal.”

G) Estereótipos e preconceitos acerca da sexualidade não heterossexual

13. “E aí me bateu um negócio tipo ‘meu Deus, qual que é a diferença’ sabe, se eu tivesse com meu amigo e eu pegasse na mão dele, beleza e eu não posso pegar na mão dela (...).”

39. “E eu acho que em relação a bissexualidade eu também acho muito que as pessoas acham que é só uma fase, tem muita gente que fala ‘ah, é só uma fase’.”

40. “(...) eu já vi, tipo, várias meninas gays que elas não acham que exista a bissexualidade, que tipo é uma modinha então, as meninas héteros que querem entrar na modinha então elas beijam umas meninas e aí isso.”

44. “Mas tem essas coisas também da própria comunidade [LGBT].”

45. “(...) as meninas bis que falam ‘ah, mas eu nunca namoraria uma menina também’. E aí rola polêmica.”

48. “só que era uma coisa meio que tipo ‘ah, mas você vai na balada gay? Nossa, deve ser uma putaria’. Sempre tem esse negócio né: ‘aí, gay então é uma coisa mega promíscua sabe’.”

59. “(...) se eu fosse em uma balada hétero com o meu amigo e ele ficasse com um cara ia ser mega estranho e as pessoas iam olhar torto e tal, e num lugar gay se tivesse um casal hétero ninguém ia ficar olhando e se tiver um casal gay também não.”

H) O acolhimento encontrado em “lugares gays”

49. “(...) eu sou muito mais respeitada na balada gay do que numa balada hétero e tal. E sempre fui e eu prefiro muito mais lugares gays.”

54. “(...) existem baladas gays e não baladas que são abertas pros 2 [gays e héteros] (...)”

55. “(...) eu só vou para lugares gays, porque eu sou meio que assim, eu só vou para lugar gay, eu só vou para balada gay e tal.”

56. “(...) o quanto que é importante ter lugares em que você se sinte bem e que você é aceito.”

57. “Então, eu não acho errado abrir um bar gay, para gays sabe, eu acho que o ideal seria lugares héteros aceitarem gays, mas isso não acontece né.”

58. “(...) eu vejo quanto que é importante ter espaços desses, mesmo que você muitas vezes se feche mais assim, mas eu acho que é uma coisa a ver com um acolhimento, assim sabe.”

59. “(...) se eu fosse em uma balada hétero com o meu amigo e ele ficasse com um cara ia ser mega estranho e as pessoas iam olhar torto e tal, e num lugar gay se tivesse um casal hétero ninguém ia ficar olhando e se tiver um casal gay também não.”

Indicadores	Núcleos de Significação
A) A sexualidade como uma não possibilidade C) A ambiguidade do viver a sexualidade D) Os rastros da homofobia internalizada	1) “(...) já seria alguma coisa errada de ter a minha sexualidade e tal e ainda mais ser duas mulheres, sabe.”
B) Apoio e abertura na figura dos amigos F) O não acolhimento do grupo familiar H) O acolhimento encontrado em “lugares gays”	2) “(...) o quanto que é importante ter lugares em que você se sintam bem e que você é aceito.”
E) O machismo que recai sobre a sexualidade da mulher G) Estereótipos e preconceitos acerca da sexualidade não heterossexual	3) “Sempre tem esse negócio né: ‘aí, gay então é uma coisa mega promíscua sabe’.”